Paoline online

Julho 2015

sui passi di Alberione e Tecla
1915-2015
Figlie di San Paolo

Centenário Especial

Há 100 anos estamos a caminho para levar, através das formas e linguagens da comunicação, o Evangelho da alegria e da paz.

Ir. Anna Maria Parenzan, Superiora geral

Caríssimas,
recolhemos, neste número especial, as intervenções dos diversos expositores e pastores que animaram os eventos do Centenário de fundação organizados pelo Governo geral. Certas de que as agradará, as saudamos cordialmente.

Nós, do SICOM.

Foto:
Silvia Mattolini, fsp; Daniela Son, fsp; Media Studio, Alba

Figlie di San Paolo - Casa generalizia
Via San Giovanni Eudes, 25 - 00163 Roma
E-mail: sicom@paoline.org - sito: www.paoline.org

Sumário

Carta da superiora geral

Roma, 5 de fevereiro de 2015
Abertura do Centenário de fundação das Filhas de São Paulo

Homilia de S.E. card. Agostino Vallini
Mensagem dos capitulares ssp

Roma, 6 de junho de 2015
Convenção*: Paulinas, 100 anos pelo Evangelho na comunicação*

Mons. Claudio Maria Celli
Presidente do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais
A Igreja, as Paulinas, a comunicação. Cem anos de história

Andrea Riccardi
Historiador, fundador da Comunidade de Santo Egídio
O carisma paulino a serviço do Evangelho da paz

Laura Badaracchi
Jornalista
Comunicação: substantivo feminino (com mil faces) na Igreja de Francisco

Bartolomeo Sorge, sj
Expert em doutrina social da Igreja
A missão das Filhas de São Paulo no hoje da história e da cultura

Lorenzina Guidetti, fsp
Tecla: Testemunha e modelo de santidade paulina

Prof. Angelo di Stasi
Presidente da Comissão para o estudo e elaboração das cartas-valores postais
Ministério do Desenvolvimento Econômico
Apresentação e lançamento do selo celebrativo do Centenário

Livia Sabatti, fsp
Introdução ao concerto *Il sogno di una donna*

Castagnito, 12 de junho de 2015:
Nos passos de Tecla

Boas-vindas de Felice Pietro Isnardi, prefeito de Castagnito
Homilia de pe. Gianluca Zurra, pároco da igreja de S. João Batista

Alba, 13 de junho de 2015:
De Alba para o mundo

Homilia de dom Giacomo Lanzetti, bispo de Alba

Roma, 15 de junho de 2015
***Dies natalis* das Filhas deù São Paulo**

Saudação de Valdir José de Castro, superior geral SSP
Homilia de S.E. card. João Braz de Aviz
Introdução ao concerto da Banda da Polícia do Estado (Livia Sabatti, fsp)

Manter no centro a Palavra da vida...

A nós foi concedida a graça de viver e celebrar o centenário, de repercorrer, com o olhar de amor, uma história de fé, de santidade, de audácia missionária, radicando-nos sempre mais na fidelidade de Deus que confiou às nossas frágeis mãos o grande tesouro da sua Palavra.

As celebrações que vivemos em Castagnito, Alba e Roma tiveram, como solene conclusão, a entrega da Bíblia às respectivas paróquias de São João Batista, do Divino Mestre, de Santa Maria Rainha dos Apóstolos. Naquela Bíblia, artisticamente trabalhada, quisemos unir as muitíssimas Bíblias difundidas pelas Filhas de São Paulo em todo o mundo. E queríamos exprimir, simbolicamente, o premente convite para manter no centro a Palavra de vida que o apóstolo Paulo continua dirigindo a nós como no tempo dos cristãos de Filipos (cf. Fl 2,16).

Manter no centro a Palavra de vida, descobrindo cada dia a graça da nossa vocação de apóstolas da Palavra, poderia ser o fruto daqueles dias inesquecíveis.

Manter no centro a Palavra para "acordar o mundo", "ser testemunhas de um modo diferente de fazer, de agir, de viver!" *(Papa Francisco).*

Manter no centro a Palavra, vivendo com mais intensidade os momentos de seu aprofundamento, da sua assimilação e contemplação que, para nós, são a meditação e a visita eucarística. Escrevia o fundador: "Aquele que lê diariamente a Bíblia, consegue expressar as palavras de Deus". (AS, p. 143)

Manter no centro a Palavra, convictas de que a Palavra é uma das nossas grandes riquezas: "Houve um tempo no qual ele teve, na adoração, uma luz mais clara sobre a grande riqueza que o Senhor queria conceder à Família Paulina: a divulgação do Evangelho" (AD 136).

Ir. Lorenzina Guidetti, uma paulina de noventa e seis anos, por ocasião da Mesa Redonda no dia 6 de junho passado, fazia memória do significado da Palavra na vida Paulina:

> Recordo ainda os primeiros tempos, quando tínhamos somente uma máquina tipográfica em Roma e imprimíamos o Evangelho. Quando a última folha saía, Mestra Tecla a segurava e a beijava. O Papa Francisco agora insiste para carregar o Evangelho no bolso; a Primeira Mestra o carregava: não confeccionado, mas pedacinhos minúsculos colocados juntos...

Também para pe. Alberione, o Evangelho levado com ele desde 1921 foi-lhe uma eficaz oração (cf. AD 145).

O Centenário poderá ser uma ocasião para colocar a Palavra no centro da vida e da missão, valorizando também aqueles pequenos gestos, simples, mas eficazes, de carregar o Evangelho sempre conosco, em nossa pessoa, quase esculpido na nossa carne; alimentando, como apóstolas paulinas, o grande desejo que se faz oração e anúncio alegre: *a Palavra feita livro, música, imagem, linguagem digital chegue a cada coração e seja dom da salvação para todos.*

Ir. Anna Maria Parenzan
Superiora geral

Tecla Merlo, mãe sábia e guia fiel

Queridos Irmãos e Irmãs!
Queridas Filhas de São Paulo!

Aceitei de boa vontade o convite da Superiora Geral para presidir esta santa Eucaristia, por ocasião da abertura do ano-centenário de fundação de vossa Congregação, 51 da morte da fundadora e primeira Superiora geral, Irmã Tecla Merlo. É um primeiro momento de louvor e de agradecimento ao Senhor – a que se seguirão outros no decurso do ano – pelos dons de graça e de santidade que o Senhor vos concedeu a vós, às coirmãs que vos precederam e à Igreja, no decorrer de um século – quantas histórias lindas de fidelidade a Cristo e de serviço no anúncio do Evangelho! – e é ao mesmo tempo uma celebração de intercessão pelos anos vindouros, a fim de que possais ser fiéis ao carisma fundacional, de que vós, Paulinas de hoje, sois os anéis de uma cadeia de graças que continuam na história.

A Palavra de Deus, que foi proclamada, ajuda-nos a penetrar no coração do mistério da vossa vocação, que a Primeira Mestra encarnou e fecundou com sua vida, fascinada pelo exemplo e pela proposta do Beato Tiago Alberione.

Quantas histórias lindas de fidelidade a Cristo e de serviço no anúncio do Evangelho!

O Evangelho de Lucas nos recorda um momento importante de revelação da identidade de Jesus e daqueles que aceitam segui-lo mais de perto.

Como em outros momentos decisivos de sua vida, Jesus se encontrava a pregar (Lc 9,18) e depois de ter feito a pergunta aos discípulos: O que dizem as pessoas quem eu sou? E para vós, quem sou eu? Com a resposta de Pedro: Tu és o Messias, Jesus especifica a sua missão, afirmando que será a sua morte na cruz que trará a salvação. Mas a fidelidade do Filho de Deus ao Pai, até à morte ignominosa e a ressurreição, não será um caminho que Ele percorrerá sozinho.

Jesus não é um herói solitário; o caminho da cruz é uma proposta para todos; é a condição para ser discípulos. Quem quer segui-lo deve renunciar a si mesmo, ou seja, descentrar-se de si mesmo para colocar o próprio centro nele, no Senhor Jesus, esse percurso tem com frequência, o sabor da cruz, e de uma cruz cotidiana ("cada dia"). A cruz na vida dos discípulos não é uma emergência, é lei permanente que empenha em duas realidades: não perder-se em coisas do mundo e não envergonhar-se de Cristo. A fidelidade a esse seguimento é a garantia de participar da ressurreição.

Tecla Merlo, a vossa cofundadora, queridas Irmãs Paulinas, viveu essa lei fundamental da sequela: seguir Jesus até à cruz, acolhida cada dia,

com a certeza de participar da alegria da vida dos ressuscitados, ela a compreendeu e viveu e fez dela a razão de toda a sua vida. Fê-la sua, com coração generoso e, desde o início, ainda que fosse em forma embrionária; em Castagnito (Cúneo), sua cidade natal, em 1912, abriu ainda na casa dos pais, uma pequena oficina, onde acolhia as jovens desejosas de aprender a costurar e a bordar, para educá-las na fé e na oração.

O binômio Tecla e Alberione

Três anos depois, em 1915, Deus fê-la ouvir o chamado definitivo, através da proposta de Pe. Alberione que - escrevia ela alguns anos mais tarde – "me falou da nova instituição de filhas que viveriam como irmãs... fiquei imediatamente entusiasmada". Em seguida, comentará: "Depóis de muitos anos e tão pouca correspondência! É tudo pela misericórdia de Deus, se ainda estou na Congregação". Na sua humildade, ela tem consciência do desígnio de Deus em sua vida e de ser chamada a abrir um caminho novo para evangelizar o mundo através da boa imprensa. Assim, em 1918, o Fundador convidou-a a ir a Susa com este mandato: "Ide... trabalhareis no silêncio, depois Deus fará alguma coisa de vós". Teresa – este o seu nome de batismo – foi confiante e depois comentará: "A casa era paupérrima e desprovida, exigia muitos sacrifícios, mas vivíamos felizes, totalmente voltadas para o ideal luminoso: fazer-nos santas e fazer tanto bem ao mundo com a boa imprensa".

Que significam tais palavras, que revelam a alma de Tecla, senão que ela seguiu ao Senhor acolhendo também as pequenas e as grandes cruzes da vida cotidiana? No fundo, o objetivo era claro: formar uma comunidade que tivesse como empenho a própria transformação interior com uma constante tensão à santidade. Assim, Tecla e suas primeiras jovens irmãs, prosseguiram na vida espiritual, através de um itinerário de discernimento e de superação dos próprios defeitos e de aquisição das virtudes, até a decisão explícita e alegre de oferecer a vida ao Senhor para o apostolado da boa imprensa. Assim, em 1922, ao término de um curso de exercícios espirituais, as primeiras nove irmãs emitiram os votos com o fim específico de evangelizar, através do apostolado da imprensa.

Naquela ocasião, ela foi nomeada Superiora geral. Por que exatamente ela? As palavras do Fundador ajudam-nos a entender mais, a penetrar a alma profunda da Primeira Mestra: "Quem deve dirigir, precisa ser obediente. E este é um dos motivos pelo qual, no pequeno grupo de Filhas que estavam no princípio, nos primeiríssimos anos, aquilo que me fez decidir a escolhê-la como guia da comunidade foi a sua docilidade. Aquilo que me

Me falou da nova instituição de filhas que viveriam como irmãs... fiquei imediatamente entusiasmada.

persuadiu é que ela não tinha ideias próprias, por assim dizer. Não estava pronta a dar conselhos ou colocar à frente os seus julgamentos, não! Ela ficava atenta a tudo, observava atentamente aquilo que acontecia ao redor. Distinguia-se pela sua obediência, pela sua docilidade. Naquele primeiríssimo tempo em que ninguém podia prever o que seria da Congregação, o único pensamento era o de abandonar-se no Senhor, deixar-se guiar em tudo" (PrPM,22.2.1965). Com efeito, quando Pe. Alberione tentou definir o perfil espiritual de Irmã Tecla Merlo, definiu-a como a mulher "sem resistências" ao Espírito Santo: "Deus – dizia ele – fez dela aquilo que queria, porque ela jamais colocou resistência..., jamais resistiu ao querer de Deus". E essa atitude interior a acompanhou por toda a vida e, podemos dizer, foi um marco distintivo do seu seguimento de Jesus.

É ainda o fundador que fala: "Oh! A sua vida! Toda nas mãos de Deus... até o momento em que Deus a chamou para o repouso eterno, à glória. Vós sabeis – já doente – que no último tempo de sua doença ela não tinha outra expressão senão: 'A vontade do Senhor; aquilo que agrada ao Senhor; seja feita a vontade do Senhor... Sempre docilíssima... Deus colocou-lhe nos ombros, não obstante sua saúde frágil, uma grande responsabilidade, uma grande missão... Na sua vida, estava sempre pronta para tudo, a tudo aquilo que Deus lhe pedia: portanto, não só a obediência em geral, mas a tudo aquilo que vinha a saber que Deus queria dela. Sempre pronta; sempre pronta a tudo". É exatamente essa atitude interior que guiava a sua vida.

Deus colocou-lhe nos ombros, não obstante sua saúde frágil, uma grande responsabilidade, uma grande missão...

Jesus Cristo, e Cristo crucificado

Ao término dos Exercícios espirituais de 1951, escrevia: "Não viver a nossa vocação no terror e na angústia, mas no amor e na confiança do Pai celeste. Fazer aquilo que temos de fazer e confiar em Deus. O Julgamento se fará não segundo uma determinação de Deus, mas segundo as coisas que tivermos feito. Jamais duvidar; enquanto tivermos um fio de vida, podemos fazer-nos santas; somos feitas para o céu que se conquista com a luta". É exatamente o propósito de luta e de renúncia, a exemplo de Jesus, que ela afirmava: "Eleger a renúncia até a privação, até a humilhação, até a servidão. Esta é a escolha trágica e inevitável para fazer-nos santas. Decidir-se pela renúncia até o aniquilamento de si. É preciso renovar dia por dia, e não se compreende a extensão disso, senão à medida que se progride na santidade. Tal escolha confere à vida toda a sua beleza e o seu valor".

Eis, queridas irmãs, como a primeira Mestra seguiu a Deus, carregando a cruz de cada dia até à glória.

Na primeira leitura, num trecho da Carta aos Coríntios, Paulo chama a atenção dos cristãos de Corinto a não se perderem atrás de critérios que não têm nada a ver com a novidade desinstaladora do Evangelho.

Exorta-os a considerar que não é a referência aos seus evangelizadores que os torna grandes (será Apolo, Pedro ou o mesmo São Paulo), porque a grandeza verdadeira do homem é a obra que Deus realiza nele; pelo que ele se gloria no Senhor crucificado e ressuscitado. De Jesus recebemos tudo, e tudo devemos atribuir a Ele. Esta é a essência da evangelização: "Eu considero – es-

creve ele pouco antes do nosso texto – não saber outra coisa em meio a vós, senão Jesus Cristo, e Cristo crucificado" (1 Cor 2,2,).

"Fiz-me tudo para todos"

Ser instrumento dessa salvação que leva a Jesus Cristo, e não a si mesmo, foi a clara perspectiva com que o Beato Alberione e, com ele, Mestra Tecla, gastaram a sua vida, tornando-a fascinante e santa. A imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e todas as outras modernas tecnologias são meios e linguagens pelas quais, como verdadeiros antecipadores, se serviram para levar ao mundo o Reino de Deus.

Lendo a biografia da Primeira Mestra, fica-se maravilhado pela atitude interior com que ela convidava as suas irmãs ao apostolado. Ela sabia que, quem toca os corações e os converte é somente Deus, e, portanto, é preciso aproximar-se das pessoas com respeito e atenção. Antes de tudo, o respeito. Nela era transparente a convicção de que no apostolado com os meios de comunicação servem-se aos irmãos com algo que não é nosso, mas que nos foi confiado: a *Palavra de Deus*, que é preciso colocar com dignidade, "como faz o sacerdote, quando nos oferece a hóstia". Ela exortava as Filhas de São Paulo a não perderem de vista a consciência de que: *o que se leva aos outros, quem são os outros, quem somos nós.* O ícone evangélico em que frequentemente ela se inspirava era a visita de Maria à prima Santa Isabel, que punha como base a deontologia apostólica, poderíamos dizer – trabalhando no mundo da comunicação. E ainda, a atenção cultural ao mundo em que agia. Suas viagens ao exterior, de 1936 até 1963, catorze longas viagens, haviam incidido profundamente na sua vida, suscitando admiração, surpresa e interrogações. Em 1952, ela dizia a suas irmãs: "Somos todas Filhas de São Paulo, filhas do Apóstolo da caridade, o qual escrevia aos Coríntios: Fiz-me tudo para todos, para salvar a todos. E tudo faço pelo Evangelho... O mundo inteiro é para nós campo de apostolado. Devemos amar a todos e fazer-lhes o bem". Levava os povos no coração e se perguntava: para onde vai essa humanidade?" "A ideia-força- dizia ela - que nos deve animar, são as almas. Devemos sentir os anseios, devemos preocupar-nos quanto ao modo de aproximar-nos delas, de levar-lhes a palavra de verdade e de salvação. Quantas almas não ouvem uma palavra boa, não ouvem jamais falar de Deus... Quem deve ajudá-las? Quem deve levar-lhes Deus, senão nós, que temos recebidos tantas graças de Deus e que temos nas mãos meios eficacíssimos de apostolado" (1950).

O testemunho corajoso e atual desta grande mulher, tende-o sempre vivo em vós e transmiti-o aos outros.

Queridas Irmãs, o testemunho corajoso e atual desta grande mulher, tende-o sempre vivo em vós e transmiti-o aos outros. A Igreja, deste novo milênio, por tantos aspectos inquieto e confuso, tem necessidade urgente de apóstolos do calibre de Tiago Alberione e de Tecla Merlo. Somos atraídos pelo seu exemplo, pelo seu estilo de vida, e rezemos a eles, pedindo-lhes que nos transmitam a paixão pela evangelização que os moveu a responder sem reservas ao chamado de Deus. Permito-me fazer minhas as palavras com que São João Paulo II concluía a Carta Apostólica *Novo millenio ineunte,* no término do grande Jubileu de 2000: "Ide adiante com esperança! Um novo milênio se abre diante da Igreja como vasto oceano no qual aventurar-se, contando com a ajuda de Cristo, o Filho de Deus, que se encarnou há dois mil anos por amor, faz ainda hoje a sua obra: devemos ter olhos penetrantes para vê-lo, e, sobretudo, um coração grande para tornar-nos, nós mesmos, instrumentos" (Rm 5,5,) (n.58).

Cardeal Agostino Vallini

Los irmãos capitulares da Sociedade São Paulo a la Filhas de São Paulo

Querida ir. Anna Maria e queridas irmãs,

É ainda viva na memória de todos nós a solene conclusão do Centenário de Fundação da Sociedade São Paulo e do carisma paulino, na audiência com o Papa Francisco, na Sala Paulo VI. Ele, confirmando a validade e atualidade da missão paulina, encorajou cada Paulina e Paulino a «prosseguir na estrada» aberta pelo nosso bem-aventurado fundador, pe. Tiago Alberione, «sempre com o olhar voltado para vastos horizontes».

Hoje, aquelas palavras que ressoaram na Sala do X Capítulo geral da Sociedade São Paulo, nos propicia a oportunidade de partilhar convosco o alvorecer do Centenário de fundação da vossa Congregação, assegurando a cada Filha de São Paulo a nossa oração, com a qual queremos acompanhar os vossos passos para que aquele «impulso às "gentes", mas também às periferias existenciais», continue a inspirar a vossa vida e a vossa missão.

A motivação de Paulo – «Tudo faço pelo Evangelho» (1Cor 9,23), no centro de nossos trabalhos capitulares – seja uma ideia força também do ano jubilar das Filhas de São Paulo. São eloquentes as palavras de pe. Alberione em *L'apostolato dell'edizione*: Paulo «foi o Apóstolo incansável que, "omnia omnibus factus": estava sempre, em todo o tempo, com todos e com todos os meios… embora a sáude precária, as distâncias, os montes, o mar e a indiferença dos intelectuais, a força dos poderosos, a ironia dos mundano, as cadeias, o martírio». A ele fazia eco a sua mais fiel discípula, a venerável Mestra Tecla: «Precisamos de apóstolos, mas verdadeiros apóstolos que tenham o coração repleto do amor de Deus... Emprestemos os pés ao Evangelho: que corra e se expanda… O nosso apostolado é para fazer o bem, portanto, sentir o tormento das almas!».

Nos passos do bem-aventurado Tiago Alberione e da venerável Mestra Tecla saibamos oferecer – como nos convida ainda o Papa Francisco – «no anúncio de Cristo e do Evangelho às massas populares a caridade mais autêntica e mais necessária que se possa oferecer aos homens e às mulheres sedentos de verdade e de justiça».

Agradecidos à Providência pelas maravilhas que Deus realizou entre as Filhas de São Paulo, nestes primeiros cem anos, invocamos a bênção divina para que nos torne, todas e todos, capazes de interpretar os sinais do tempo e de levar, a exemplo do Apóstolo Paulo, o Evangelho entre os povos, sem ter medo de adentrar territórios "pagãos", como muitas vezes aparecem hoje aqueles marcados pela cultura da comunicação.

Os irmãos capitulares
da Sociedade São Paulo

A Igreja, as Paulinas, a comunicação

100 anos de história

Estou muito agradecido por este convite, por poder partilhar com vocês um momento tão particular como esta celebração. Falaremos de tradições, mas falaremos também de olhar para o futuro.

Gostaria de iniciar este meu discurso com uma lembrança pessoal. Venho de uma pequena cidade da Romanha. Em Rimini havia uma comunidade das Filhas de São Paulo, e o primeiro encontro que tive com elas foi a caminho de minha casa. Tinha cerca de 11 anos e essas duas Paulinas andavam pelas estradas com uma grande bolsa repleta de livros. Penso que o primeiro livro de inspiração religiosa que tive entre as mãos, minha mãe comprou naquele dia, quando essas irmãs passavam de casa em casa, e não pertenciam a um grupo protestante... Não, eram Paulinas! Olhando o passado, fico admirado porque as irmãs carregavam aquelas enormes bolsas e "ofereciam" – porque naquele momento este era o verbo mais adaptado – livros às famílias que saíam da guerra (estamos em 51-52, portanto, no imediato pós-guerra italiano), quando era necessário recuperar totalmente um caminho de valores, de visão da vida, da família etc.

Cem anos de história. Não teria sentido nenhum se olhássemos para trás apenas para contemplar-nos e dizer: "Ah, olha que coisas realizamos!". As palavras de Jesus são sempre verdadeiras de que, quem coloca a mão no arado deve sempre olhar para a frente. Portanto, não atitudes nostálgicas, mas reaprofundar o significado de uma tradição, redescobrir o que significa cultivar um "fogo sagrado". Quando alguém olha para trás e considera o quanto realizaram o padre Alberione e a Mestra Tecla... não pode senão se admirar. O fundador de vocês foi um pai– diria – prolífico em gerar novos caminhos de santidade e de serviço na Igreja. Mas, o que significa hoje cultivar o fogo sagrado de pe. Alberione e de Mestra Tecla? Há pouco tempo celebramos o cinquentenário da *Inter Mirifica*, o primeiro documento

do Concílio que abordou os temas da comunicação: não só os instrumentos de comunicação social, mas o tema da comunicação. Foi a primeira vez – vocês sabem muito bem – que a Igreja tomou consciência das potencialidades que têm nas mãos através dos instrumentos de comunicação social. Os bispos ainda não tinham entendido isso: se olharmos as mais de nove mil propostas dos bispos do mundo inteiro sobre temáticas a serem discutidas no Concílio, aquelas que se referiam ao tema da comunicação não chegavam a cem… Mas o Papa João, na sua perspicácia, quis que a comunicação fosse um dos temas do Concílio.

Não quero abordar o problema se imprensa, rádio e televisão tenham ou não encerrado o seu ciclo de serviço à Igreja, mas diria que seria um grande erro pensar que devemos fechar aquilo que estamos fazendo; ao contrário, há momentos e situações que nos fazem entender o valor ainda hoje desses instrumentos. Quando viajo entre as várias realidades eclesiais do mundo, assisto a situações que me deixam estupefato: posso encontrar a grande estação supersofisticata americana, e posso encontrar a estação de rádio africana, onde as antenas estão colocadas sobre uma haste de bambu e onde se fazem pequenos milagres de transmissão. Mas é o mesmo fogo, é a mesma dimensão profunda que envolve a Igreja no comunicar. Porque, se a Igreja não comunica, não é Igreja. Nós existimos como realidade eclesial para comunicar, e o ponto de referência da nossa comunicação é Ele... não outro. Depois, tivemos "pinceladas" profundíssimas. Pensem no Papa Bento quando disse que um dos grandes desafios da comunicação é dizer a verdade sobre o homem. Recordo – eu cursava teologia durante o Vaticano II – que tínhamos grande interesse em ler alguns artigos, sobre as intervenções de certos padres no Concílio…

O Papa João, na sua perspicácia, quis que a comunicação fosse um dos temas do Concílio.

Mudança epocal é a cultura digital

Porém é inegável, e eis o sentido da segunda parte do meu discurso nesta noite: há uma mudança epocal, e a mudança epocal é a cultura digital. O homem de hoje se move com esta linguagem. Se move com esta perspectiva. Hoje, uma criança de dez anos, na Europa, passa de três a cinco horas diante de um computador. Dias atrás, em um encontro de catequistas em nível internacional, coloquei o problema. O que quer dizer hoje, por exemplo, a catequese em um contexto de cultura digital, quando nas nossas paróquias – digo isso com todo o respeito e consideração, mas com inquietação – muitas vezes quem ensina agora o catecismo são senhoras de 60, 70 anos, que jamais tiveram em suas mãos um computador e que não sabem o que significa cultura digital ou linguagem digital? E dão catecismo às crianças que estão o tempo todo com o *play station* e passam horas diante de um computador… Que linguagem sabem usar para falar a esses jovens? O desafio da cultura digital … Falava disso há pouco com o novo superior geral dos Paulinos e com ir Antonietta Bruscato, que revi, com enorme prazer.

Acredito que hoje, e o digo a vocês que trabalham na mídia, que o grande desafio que a Igreja deve enfrentar é se somos capazes de dialogar com a cultura digital, com um homem e com uma mulher que se movem nessa dimensão, que têm

entre as mãos não apenas um aparelho, um instrumento particular de comunicação, mas estão sob um "influxo", que não defino como negativo ou positivo, apenas afirmo que é, que existe. E a Igreja, hoje, é chamada a anunciar o Evangelho nessa cultura. Eu me pergunto o que fariam hoje pe. Aberione e Mestra Tecla. Não 20 anos atrás, 40 ou 50 anos atrás: *hoje*, porque eu devo falar ao homem de hoje. Para nós, celebrar o Centenário – eu o digo às Filhas de São Paulo, mas também aos Paulinos – é ver se somos capazes de falar ao homem de hoje; se temos a linguagem atual que o homem de hoje possa compreender. Quando foi aberto o famoso canal *twitter* do Papa, os primeiros momentos não foram fáceis, mas Bento XVI havia me dito: *«Eu quero estar onde os homens de hoje estão»*. Fiquei muito feliz ao ler os comentários que chegavam: *«Estamos feliz porque o Papa, hoje, usa uma linguagem que nós compreendemos de imediato»*.

A Igreja existe para comunicar, eu dizia. O problema – digo isso sorrindo aos bispos, quando tenho a oportunidade de lhes falar – não se resolve abrindo um setor da comunicação na diocese ou escolhendo um porta-voz; o problema de hoje é descobrir o que significa ter a consciência do que a Igreja comunica através de sua realidade operativa no mundo. Quando celebro a missa, eu comunico; a ação caritativa da Igreja é comunicação, porque revela o rosto da Igreja.

E aqui direi que o tema de fundo é aquele que o papa Francisco nos deixou como ponto de referência: a parábola do bom samaritano como dimensão da comunicação, isto é, *ir ao encontro*. Mas por que, há pouco, citei o episódio de minha vida pessoal? Aquelas duas Paulinas, que levavam consigo uma bolsa com os livros, iam ao encontro das famílias, não vendiam só livros, iam ao encontro das famílias, muitas não compravam nada, mas as irmãs falavam, dialogavam, criavam uma ponte de comunicação com aquelas pessoas. O bom samaritano... Paulo VI, no seu discurso de encerramento do Concílio sublinhava que a espiritualidade do Concílio Vaticano II se inspirou na parábola do bom samaritano. Interessante! Olhem que sintonia eclesial profunda: Paulo VI nos diz que a espiritualidade do Concílio Vaticano II é a do bom samaritano e, hoje, o Papa Francisco nos diz que a comunicação é ir ao encontro. Justamente como o bom samaritano que vai ao encontro daquele homem ferido ao longo da estrada e cuida dele, se responsabiliza por ele.

Quando foi aberto o famoso canal *twitter* do Papa, os primeiros momentos não foram fáceis, mas Bento XVI havia me dito: *«Eu quero estar onde os homens de hoje estão»*

Não roubaram a música do meu coração

Agora compreendo que, na comunicação, hoje, o tema de fundo não é tecnológico. Se fosse tecnológico, bastaria investir nos grandes sistemas tecnológicos de transmissão… Mas o tema de fundo é o *meu coração*, o que eu tenho dentro. Termino citando uma composição de um poeta uruguaio, Eduardo Galeano, que narra que um homem vai de cidade em cidade; convidam-no para cantar, porque toca muito bem a harpa, conhece as canções tradicionais e tem uma bela voz. Uma noite, enquanto caminhava para uma pequena cidade, os ladrões o pegaram e o levaram, lhe roubaram a harpa e a mula e o deixaram meio morto por terra. De manhã o encontraram assim, num estado lamentável e lhe perguntaram: *«O que lhe aconteceu?»*; e ele respondeu: *«Nesta noite, os bandidos roubaram minha mula, levaram embora minha harpa, mas não roubaram a música do meu coração»*.

Eis, meus amigos, celebrando este Centenário, a pergunta de fundo creio que seja a mesma: *qual é a música que levam no seu coração?* Porque este é o desafio fundamental, que música levo no meu coração. Se pudesse formular para vocês um augúrio grande – que daria à superiora geral das Paulinas, e ao novo superior geral dos Paulinos – para os próximos 100 anos é que tenham uma grande música no coração, porque o homem e a mulher de hoje procuram isso.

Dom Claudio Maria Celli
Presidente do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais

O carisma paulino

a serviço do Evangelho da paz

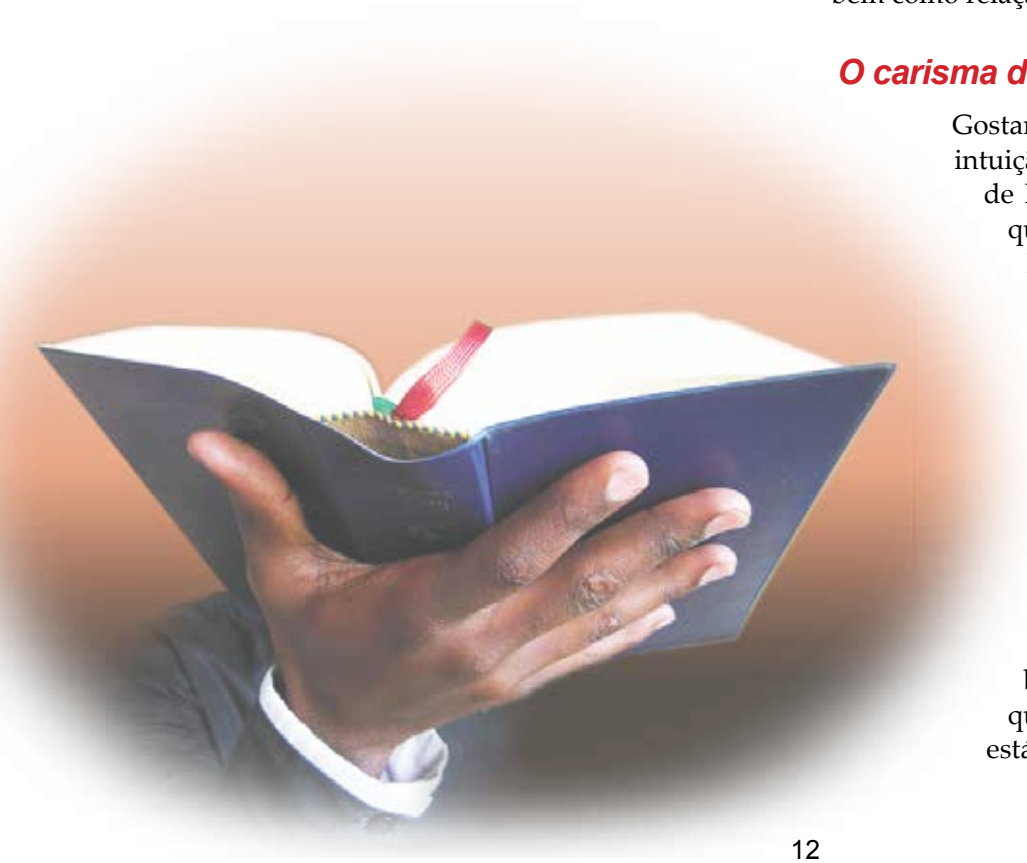
Antes de tudo gostaria de saudar todos vocês pelos cem anos de história. Penso que esta seja uma ótima oportunidade para refletir, porque não é previsível viver mais de cem anos: mas nada, enfim, é eterno; mas aquilo de que se tem necessidade de perguntar-se é qual é o verdadeiro carisma e como reenfocá-lo nos novos tempos.

Falamos de evangelização durante anos, mas não fomos capazes de fazer evangelização, justamente porque a nossa evangelização era um esforço voluntarista e, algumas vezes, proselitista. Para comunicar a Boa Notícia é preciso saber comunicar, saber falar. O grande limite na evangelização foi o de uma Igreja que cansava as pessoas ao comunicar; daí a intuição de pe. Alberione de se voltar para Paulo, de retomar a comunicação com os homens. É a ideia fundamental que depois prorrompe com o Concílio e com Paulo VI, que na sua encíclica programática *Ecclesiam Suam* afirma que *a Palavra de Deus circula no discurso humano* (cf. ES 80-82). É preciso saber fazer *o discurso humano* para fazer circular a Palavra de Deus, para comunicar a Palavra de Deus. Mas como se pode comunicar? Retomo a conclusão do meu amigo dom Celli: para comunicar é vital saber ouvir, e a escuta da Palavra de Deus faz renascer o coração. Em Pentecostes, aqueles que escutaram o Apóstolo falar sentiram uma pontada no coração, o coração renascia; o coração como centro da vida, mas também como relação com a humanidade.

daí a intuição de pe. Alberione de se voltar para Paulo, de retomar a comunicação com os homens.

O carisma das Paulinas

Gostaria de falar agora sobre a grande intuição dos Paulinos e das Paulinas, de Mestra Tecla e de pe. Alberione, que é a *de colocar a Bíblia no centro*. Isso não foi previsto, também a *Dei Verbum* nos parece reduzida, mas não é assim. Nos inícios dos anos Novecentos, o arcebispo de Turim, em uma visita a uma paróquia, sentado na poltrona, pediu ao pároco: «Dê-me uma Bíblia, antes de ir à igreja gostaria de ler uma passagem», e o pároco respondeu: «Certo, Eminência, porém, por favor, levante-se», e o arcebispo espantado perguntou: «Por que?». Resposta: «É porque a Bíblia está debaixo da poltrona, porque ela



Isto eu noto no carisma paulino: a conexão profunda entre um coração que escuta a Palavra de Deus e um coração apaixonado que comunica misionario.

está sustentando uma perna que está quebrada…». A Bíblia estava no nosso mundo, mas estava perdida embaixo das poltronas para sustentá-las… A Bíblia servia para sustentar um pensamento, mas não para alimentar os corações. E assim, a difusão da Bíblia não foi realizada! Em 1934, Mestra Tecla escreveu: *«Levem a cada um a Bíblia latina, italiana, toda latina, e toda italiana, completa e em pequenos volumes; façam a pessoa escolher a edição que mais lhe agrada; quando a tiver adquirido peçam que faça uma declaração sobre um papel que esteja escrito: Adquiri uma Bíblia...agrada-me...estou feliz... é uma bela edição etc,etc. Depois, dirijam-se a outras pessoas e as façam ver a declaração e assim, pouco a pouco, façam com que todos escrevam duas palavras, ou ao menos assinem. Nem todos aceitarão, mas a maior parte sim. Experimentem fazer assim em nome do Senhor».*

Isto me parece muito importante, porque é o sentido da difusão da Bíblia: colocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus – que é o fato mais importante do Concílio junto com a liturgia e que Tecla e Alberione intuíram –, mas também – há um sentido bastante humano – fazer a pessoa escolher a Bíblia mais bonita, não impor, pedir para escrever uma declaração; falar aos outros aquilo que se pensa da Bíblia...

Colocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus

Creio que este seja um ponto decisivo, a verdadeira volta, e é uma volta – me permito dizer – apenas iniciada: recolocar a Bíblia nas mãos do povo de Deus, fazer nascer a devoção pela Sagrada Página, escutar. Isto gera a vontade de comunicar, e de comuniar a Boa Notícia; fazer nascer aquela paixão tipicamente paulina que Tecla interpretava assim: *«Há tantas almas que esperam a salvação, e são poucos os operários do Evangelho. Pensem: metade da humanidade ainda não conhece Deus, e a outra metade o conhece e o serve pouco... É preciso formar-se um coração missionário: coração generoso, desapegado das comodidades, pronto para tudo».*

Isto eu noto no carisma paulino: a conexão profunda entre um coração que escuta a Palavra de Deus e um coração apaixonado e missionário que comunica a Palavra de Deus. Coloco juntas as duas coisas, não só comunicar a Palavra de Deus, mas comunicar para todos.

Podemos falar da modernidade de Mestra Tecla. Bastaria acenar para o tema da "velocidade"… Aquela página de Mestra Tecla pode parecer um pouco funcionalista, com algo de ridículo (estejamos atentos, porque quando lemos a linguagem das gerações passadas nos parece sempre ridícula; por quê? Porque é a linguagem de ontem!): *«…Sejam rápidas, rápidas ao telefone, no parlatório, conversas breves e edificantes, rápidas e breves na*

correspondência, rápidas, rápidas nas saudações, nas livrarias, rápidas ao saudar as pessoas, rápidas no confessionário…».

É uma figura moderna, Mestra Tecla, mas é uma figura do mundo global? Este me parece o desafio. Este mundo global é um mundo muito mais alfabetizado do que no seu tempo, de cem anos atrás. Mas, nesse mundo mais alfabetizado, cresceu o conhecimento? Creio que existe imensa quantidade de *ignorantes alfabetizados*. Quando digo "ignorantes", pretendo dizer que ignoram o outro e se deixam tomar por uma cadeia de reações emotivas, porque hoje, cada um de nós, no ângulo mais remoto do mundo, está em contato com muitas alteridades.

Hoje a ignorância é impossível, porque a ignorância se resolve, não só em reações emotivas, mas no fanatismo, e aqui tocamos o problema atual: não se vive em um mundo global sem cultura. A cultura, hoje, é como aquele pouco de inglês que te serve para orientar-te nos aeroportos, para pedir onde se encontra hospedagem, restaurantes, com o qual podes girar todo o mundo, mesmo que, às vezes, te sintas desencontrado. Dizia Nicola Chiaromonte: «*Crentes e não crentes são uma minoria, a maioria é de indiferentes*», que é um forma de dizer "ignorantes alfabetizados".

Comunicar-se com o outro

E aqui está o grande desafio, caros amigos, de comunicar com o outro, de comunicar o conhecimento do outro, de comunicar para encontrar e conhecer. O tema da guerra ou da violência difusa está justamente aqui. Hoje nos encontramos, ao longo do Mediterâneo, em um período terrível de violência. Pensemos no problema do califado e da capacidade incrível do Estado Islâmico de comunicar uma mensagem de violência: a imagem dos cristãos decapitados ao longo do Mediterrâneo é uma mensagem terrível, mas eficaz. A violência não nasce apenas da distância e da ignorância, mas tem uma capacidade comunicativa muitas vezes preponderante. E então o grande desafio: o que quer dizer comunicar a paz, fazer crescer uma cultura de paz, de encontro, de conhecimento, em um mundo de grandes distâncias, de grandes ignorâncias e de violência difusa? Como todos sabemos, as destruições em Ruanda são alimentadas pela comunicação das rádios *Mille Collines*, semeadoras do ódio. A mídia pode ser um potente instrumento multiplicador de violência.

E aqui está o grande desafio, caros amigos, de comunicar com o outro, de comunicar o conhecimento do outro, de comunicar para encontrar e conhecer.

Durante a guerra fiquem no seu lugar

As Paulinas têm uma história ligada à guerra de 1915, a Grande guerra (o ingresso da Itália na guerra foi em 1915). Alberione disse: «Durante a guerra mundial fiquem no seu lugar», e Mestra Tecla: «*Participemos de tantas dores que existem no mundo*». Aqui entra também toda a história da casa da via Antonino Pio, em Roma, da hospitalidade durante a guerra, que é a história das Filhas e é a história dos religiosos, no trabalho da guerra. O que quer dizer viver a paz, comunicar a paz, em tempo de violência e de guerra? Isto é extremamente interessante, e este é o desafio do nosso tempo: comunicar, fazer crescer a cultura do encontro, fazer crescer uma cultura de paz em um mundo que não é tranquilo, em um mundo desafiado pelos fanatismos. Nós somos desafiados por uma cultura de fanatismo, mas não devemos responder à cultura do fanatismo, devemos fazer crescer uma outra cultura. Criando comunicação entre mundos, pessoas, religiões, incrementamos uma cultura de paz.

Gostaria de relembrar um episódio pessoal. Há alguns anos, pe. Perino me chamou, ali, perto de Castel Gandolfo, para um encontro de superiores da Família Paulina, para falar sobre a Família

Paulina. Pus-me a estudá-la e cheguei à seguinte conclusão: «Mas esta é uma confusão, porque há instituições, congregações, leigos, sacerdotes; um entrecruzar-se inacreditável». Refletindo, porém, creio que na ideia de Família Paulina haja uma intuição que rege o desafio do mundo global: diversidade de condições, diversidade de gênero e harmonia; isto é, enfrentar a complexidade do mundo com tantas estradas não homogêneas, mas harmônicas.

Numa Igreja bastante masculina, hoje mais ainda, e em uma Igreja onde é difícil viver um relacionamento de fraternidade, justamente porque faltam as mulheres, até então Alberione quis o desenvolvimento de tantas presenças femininas, não na cozinha para servir aos homens, mas na primeira linha da comunicação. Isto é muito importante porque muitas vezes, ao lado de congregações masculinas e femininas, as mulheres servem para cozinhar e lavar as roupas; no pensamento de Alberione, ao invés, as mulheres devem estar na primeira fila.

A cultura da família é uma cultura de paz

E aqui, então, me parece que a ideia da comunicação venha acompanhada da ideia da *cultura da família*, que não é só atenção ao núcleo familiar, mas é enfrentar a complexidade do mundo e da comunicação através de muitos contatos e sensibilidade, em sintonia e pactos entre eles. Talvez este seja um aspecto não tão presente, mas sobre o qual devemos retornar. E também aqui, repito, a cultura da família é uma cultura de paz.

Concluo com duas rápidas lembranças. Também eu me lembro da livraria das Paulinas em Rimini (tenho só alguns anos a menos que dom Celli e talvez no meu tempo elas já não carregassem mais as bolsas cheias de livros, ou talvez, fizessem os homens carregá-las...). Recordo que, durante o Concílio, eu comprava ali os primeiros documentos, os pequenos opúsculos que ainda conservo comigo. Eis o que eu gostaria de dizer sobre a livraria das Paulinas: frescor, simpatia e também pluralidade de livros, ou seja, extrapolar a marca de uma livraria católica para ser uma livraria de cultura, e de cultura religiosa e, portanto, ecumênica, não no sentido técnico, mas no sentido de "aberta". Francamente, frequentando depois as livrarias, não tive mais aquela sensação… Todavia, há alguns meses, em Moçambique, fui à livraria renovada das irmãs Paulinas. Em um lugar onde os instrumentos de cultura católica ou cristã são bastante raros tive aquela sensação de tantos anos atrás, ou seja, o frescor de uma comunicação simpática: estes são os livros, escolha aqueles que queres e também se não os escolher, conversemos um pouco e permaneçamos amigos.

Anche il teatro è un eccezionale strumento di formazione globale: allena alla conoscenza di sé e degli altri.

Parece-me ser este o modo simpático que as Filhas sempre tiveram, e creio que cem anos de existência não o tenha ofuscado.

Prof. Andrea Riccardi
Historiador, fundador da Comunidade de Santo Egídio

Comunicação: substantivo feminino

Na igreja de Francisco

A Igreja, repete o papa Francisco, é feminina. Exatamente como o substantivo comunicação, repetido seguidamente pelas mulheres que crêem, tem mil faces diferentes. Tentarei delinear algumas dessas faces existentes na comunidade cristã católica do terceiro milênio. Nela, muitas vezes, as vozes das mulheres permanecem submisssas, apagadas, escondidas, mas nem por isso privadas do espírito profético. Porque existem modalidades do comunicar e anunciar o Evangelho essencialmente femininas, pelos seus traços de ternura, atenção, sensibilidade. E também, ao lado disso, mediante a escolha consciente de uma linguagem, direta e franca, ou, às vezes, de um silêncio testemunhal.

O papa Bergolio cita muitas vezes aquela exortação de Francisco de Assis aos seus discípulos: «Pregai sempre o Evangelho e, se necessário, também com as palavras», referindo-se à Regra não escrita (1221). E dado que Francisco é indissolu-

velmente ligado a Clara de Assis, que amava definir-se "a sua pequenina planta", gostaria de começar com ela e com suas irmãs pobres, ou clarissas – ainda presentes em todo o mundo, depois de mais de 800 anos da fundação – para desfilar uma série de "elementos" (um "decálogo" seria longo demais neste momento) sobre as mulheres comunicadoras da fé, tentando fazer um tesouro das palavras pronunciadas pelo Pontífice sobre este assunto, nesses dois primeiros anos de seu pontificado.

Ter sempre as antenas ligadas e atentas.

Em 17 de fevereiro de 1958, Clara, a primeira mulher na história da Igreja a escrever uma regra religiosa, foi declarada por Pio XII padroeira da televisão e das telecomunicações. Em um artigo de 11 de agosto de 1993, festa de santa Clara, publicado pelo *Corriere della Sera*, Aldo Grasso definiu Clara «a santa da *glasnost*, da transparência, onipresente como uma aldeia global : a padroeira da pequena televisão "inventou" a transmissão direta, ao vivo. São Francisco é padroeiro da Itália; talvez nem todos saibam que Clara é a padroeira da TV (portanto, um reino agora bem mais vasto a ser protegido). Mas, por qual razão escolher uma santa cujas seguidoras vivem em estado de perene clausura e, se supõe, nem assistam à tv? A Igreja reconhece que o novo meio tem um requisito particular apenas para alguns santos: o dom da ubiquidade, aquela milagrosa presença simultânea de uma mesma pessoa em dois ou mais lugares diferentes. Segundo a tradição, em uma noite de Natal, em Assis, enquanto permanecia doente em um leito de seu convento, Clara ouvia, como se estivesse presente, os cantos litúrgicos durante as cerimônias religiosas que eram executados na igreja franciscana e viu, preparado naquele lugar, o presépio».

Vivendo na presença de Deus, somos chamadas cada dia a ser mulheres do encontro, capazes de proximidade, dom incondicional, perdão, misericórdia, ternura.

Na doença, no limite, na pobreza do seu corpo, Clara descobre a capacidade de ver além, de ter as antenas da alma atentas para colher, no ar, o sopro do Espírito. Irmã Diana Papa, abadessa do mosteiro de Otranto, a quem entrevistei para o

Avvenire, convida, no seguimento de sua fundadora, a «ver Deus operante na história, através da beleza da encarnação. Vivendo na presença de Deus, somos chamadas cada dia a ser mulheres do encontro, capazes de proximidade, dom incondicional, perdão, misericórdia, ternura».

Pôr-se à escuta… para poder falar

Para saber o que comunicar e como fazê-lo, é preciso, antes de tudo, pôr-se à escuta. Da realidade, dos últimos, da Palavra, dos sinais dos tempos dos quais falava o Concílio Vaticano II. Não é pouco nem fácil, em um mundo imerso num falatório constante dos social network e da conexão contínua na Internet, discernir sobre as notícias, repercutir as coisas que têm sentido e importância, sem dispersar-se no caos midiático.

Não por acaso, o papa Francisco, recebendo no dia 5 de dezembro de 2014, os membros da Comissão teológica internacional, evidenciou «a significativa presença das mulheres; presença (segundo ele, «ainda não tão grande: são as cerejas da torta, mas se deseja sejam sempre em maior número!») que se torna um convite para refletir sobre o papel que as mulheres podem e devem ter no campo da teologia. Em virtude de sua criatividade feminina, as teólogas podem relevar, para o benefício de todos, certos aspectos inexplorados do insondável mistério de Cristo (citação da *Evangelii gaudium*, n. 103). Convido-os, pois, a trazer o melhor benefício desta contribuição específica das mulheres para a maior compreensão da fé».

Estar próxima dos problemas da Igreja e das pessoas.

Um convite formulado diretamente pelo papa Bergolio, sempre em 5 de dezembro de 2014. Para comunicar, de fato, não se pode permanecer ancorados nas próprias seguranças, em uma torre de marfim, em uma redação ou atrás de uma escrivaninha.

É preciso exercitar-se concretamente na proximidade, sentir o *cheiro das ovelhas* (para usar outra metáfora bergoliana de sabor evangélico), ser especialistas de empatia. «O insensível não é apto a desenvolver essa atividade», escrevia o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski. E a cofundadora das Paulinas, irmã Tecla Merlo, repetia:

«Emprestemos os pés ao Evangelho». Uma frase que ressoa com extraordinária contemporaneidade a de tantos mestres do jornalismo: para narrar a realidade é necessário gastar as solas dos sapatos. Não se trata de um convite sem importância e retórico, em um mundo que cada vez mais se torna virtual, nas redações que se estruturam no desk e nas seleções de dados das agências de notícias. Dessa forma, a realidade se torna, pouco a pouco, algo de duvidoso, indefinido, que não toca a pessoa e não a envolve completamente. Sequências de imagens frias e repetidas continuamente, fatos já vistos, não vítimas de guerras, migrantes à deriva, pobres no coração das cidades.

Em virtude de sua criatividade feminina, as teólogas podem relevar, para o benefício de todos, certos aspectos inexplorados do insondável mistério de Cristo

Mestra Tecla desejava ainda: «Queria ter mil vidas para dedicá-las ao apostolado». Como a dizer – de forma sintética e luminosa– que a comunicação, e ainda mais, o anúncio do Evangelho implica sujar as mãos e tem no seu DNA o desejo de encarnação e partilha, humano e espiritual ao mesmo tempo. Mais simplesmente, cristão.

É um «desafio não mais adiável» estudar «critérios e modalidades, a fim de que as mulheres se sintam não hóspedes, mas plenamente participantes dos vários âmbitos da vida social e eclesial», para «uma presença feminina mais minuciosa e incisiva» (papa Francisco, 7 de fevereiro de 2015).

Laura Badaracchi
Jornalista

As Filhas de São Paulo

no hoje da história e da cultura

Este centenário acontece bem no meio do ano em que o Papa convida a Igreja a refletir sobre a vida consagrada. O papa Francisco, na carta enviada aos consagrados, recorda uma célebre expressão da Exortação pós-sinodal Vita consecrata: *"Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai o futuro, para o qual vos projeta o Espírito, a fim de realizar convosco ainda grandes coisas"* (n. 110).

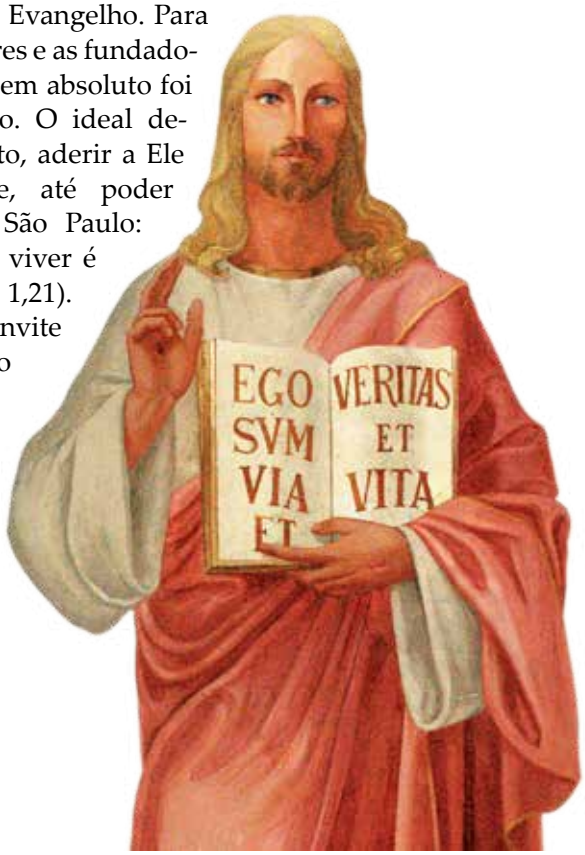
Nesta frase está indicado o melhor método para celebrar o centenário. O fato de ter vivido 100 anos quer dizer que há toda uma vida a ser vivida. Portanto, mais do que parar para reviver e narrar o caminho percorrido, é preciso renovar-nos e preparar-nos para fazer ainda grandes coisas com o poder do Espírito. Não há nada mais deletério que olhar os cabelos grisalhos abundantes nas comunidades e dizer: "O que faremos amanhã?" Deus tem tempos, métodos e critérios diferentes dos nossos. Cem anos de graças quer dizer outros 100 anos de trabalho e de construção da Igreja, no serviço da sociedade: não vos iludais que ficareis tranquilas porque tendes 100 anos...

Façamos muitas coisas bonitas, mas o centenário deve ser isto: não olhar para trás, mas olhar para onde nos leva o Senhor.

Neste olhar para o futuro, a melhor coisa é deixar-nos guiar pelos critérios indicados pelo decreto conciliar *Perfectae caritatis*, que convida a nos renovar na fidelidade dinâmica ao Evangelho, ao homem e à história, ao próprio carisma. Eu queria, à luz do ensinamento e dos exemplos do Papa Francisco, oferecer-vos algumas indicações sobre o que quer dizer, depois de 100 anos de serviço, olhar com otimismo e fé para o futuro, renovando-vos, buscando o Evangelho, o homem e sua história, repensando e aprofundando o carisma. É a chave de tudo. Façamos muitas coisas bonitas, mas o centenário deve ser isto: não olhar para trás, mas olhar para onde nos leva o Senhor. Ele é um grande arquiteto: se ele construiu 50 andares, fiquem tranquilos que construirá os outros 50 para chegar aos 100, porque nunca deixaria a sua obra incompleta.

Fidelidade dinâmica ao Evangelho

Há uma regra geral, fundamental, diz o Papa na sua carta, que inspirou os fundadores quando fundaram o Instituto. Esta regra fundamental é o Evangelho, é Jesus. Portanto, fidelidade ao Evangelho. Para os fundadores e as fundadoras, a regra em absoluto foi o Evangelho. O ideal deles era Cristo, aderir a Ele inteiramente, até poder dizer com São Paulo: "Para mim, viver é Cristo" (Fl 1,21). Daqui o convite insistente do Papa Francisco de voltar ao Evangelho. Isto concorda de modo admirável



Voltemos ao Evangelho, voltemos a fazer a experiência do Deus vivo: este é o coração da espiritualidade paulina; isto quer dizer "fidelidade dinâmica".

com o espírito de Alberione. Um dia, apresentando o significado da vocação paulina, pude dizer que a vocação das Filhas de São Paulo não é uma tarefa para diletantes: trata-se de viver uma vida cristã em alta tensão.

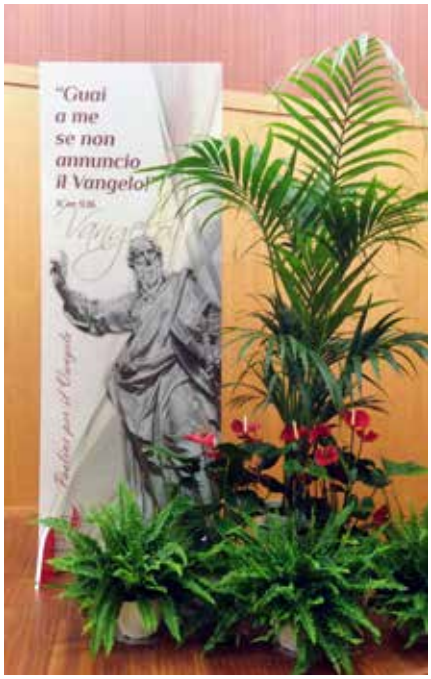
Primeira e irrenunciável tarefa da Família Paulina é a conformação ao Mestre Divino, a qual nasce como resposta de amor ao amor providente do Pai, e se situa num crescimento contínuo. Trata-se de assimilar vitalmente, de aderir ao Mestre no plano da fé, da vida, do apostolado até a identificação com Cristo ou a cristificação, isto é, tornar-se outros Cristos, outros Mestres. Então, a devoção a Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, que é o coração da espiritualidade paulina, situa-se essencialmente na fidelidade a Cristo e ao Evangelho. Esta fidelidade, diz Alberione, "não é uma bela expressão, não é um conselho, é a essência da congregação, é ser ou não ser paulina. É aquilo que diz o Papa Francisco: tornamo-nos Evangelho, trata-se de ser ou não ser cristão.

Comecemos, portanto, pela primeira fidelidade: temos necessidade dela! O mundo tem necessidade deste testemunho vivo, de uma fé que não é uma citação ideológica, sociológica; não corresponde ao fato de que o nome está escrito nos registros paroquiais, mas é um encontro vivo com Jesus ressuscitado. Jesus é vivo na sua Igreja, na sua Palavra, na Eucaristia, nos pobres. Voltemos ao Evangelho, voltemos a fazer a experiência do Deus vivo: este é o coração da espiritualidade

paulina; isto quer dizer "fidelidade dinâmica". O Papa, sem negar a importância da função insubstituível da dimensão doutrinal do anúncio da fé, preferiu mostrar a força renovadora do Evangelho com o testemunho profético da vida, e faz sua a exortação do pobre de Assis a seus irmãos: "Ide, pregai sempre o Evangelho com o testemunho da vida e, se necessário, também com a palavra". Nós fazemos exatamente o contrário…

Jesus falava com a potência do Espírito

Frequentemente me pergunto: por que todos correm atrás do Papa Francisco, o que há de especial nele, por quanto simpático ele seja? Por que é popular? Fala com simplicidade? Há um segredo que ele mesmo comunicou a Eugenio Scalfari que lhe perguntou: Santidade, eu sou enamorado de Jesus... certamente um grande profeta, um homem extraordinário... Porém, daqui dizer que ele é Deus o salto é grande demais... O senhor, santidade, como fez para crer que Jesus de Nazaré é Deus?". E o Papa Francisco respondeu que nós podemos conhecer com a inteligência, mas também com o conhecimento relacional, o conhecimento do coração. Entre os dois conhecimentos, coração e razão, não há contraposição, mas integração. Quando uma criança nasce, não sabe nada. Temos de esperar que chegue aos 6 anos e enviá-la ao primeiro ano da escola para aprender? Não, a criança aprende logo. Como? Não com a inteligência, mas com o coração. E' este conhecimento relacional, a relação com o outro no qual confia. Eu não coloco o dedo na chama porque me dis-



se a mãe... Aprendo uma coisa verdadeira, aprendo a conhecer o bem e o mal. Conhecimento que vem integrado ao conhecimento racional. Disse portanto Francisco: Eu acredito em Deus porque confio em Jesus que me diz: "Eu e o Pai somos uma coisa só. Filipe, quem me vê, vê o Pai, eu estou no Pai, e o Pai está em mim". Eu creio.

No tempo de Jesus havia muitos peritos em Deus – doutores da lei, escribas – mas a diferença, como afirmam os evangelistas, está no fato de que Jesus não falava como os especialistas, mas com autoridade. O texto da Bíblia da CEI (Conferência dos Bispos da Itália) traduz: "com potência, com autoridade", mas o Papa insiste que a origem grega usa uma palavra de difícil tradução, "exousia", quer dizer, Jesus falava com a potência do Espírito. A força de atração que o Papa exerce no mundo deve-se à sua fé, deve-se à presença do Espírito no seu ministério pontifício. Muitas coisas que ele diz, digo-as também eu... mas, quando as diz o Papa o faz com potência.

A "*exousia*", Jesus não a conservou para si, mas a passou para os apóstolos, à Igreja na noite da ressurreição e antes da ascensão aos céus.

Voltar ao Evangelho, isto é, à presença do Espírito na nossa vida, nas nossas comunidades, nas nossas obras. Se faltar a "exousia" faremos barulho, poderemos até ter espaço em todos os jornais... porém, não muda nada. É a potência do Espírito que transforma. Eis porque o Papa Francisco insiste em dizer que a fecundidade, na vida consagrada, não se baseia nos números, nem nas obras, nem nos depósitos bancários, mas naquele que colocamos a nossa confiança e para o qual nada é impossivel. É essa eseprança que não desilude e que permitirá as Filhas de São Paulo continuar a escrever, no futuro, uma grande história. É para o futuro que devemos olhar, conscientes de que o Espírito nos impele para lá, para continuar a fazer conosco grandes coisas.

Voltar ao Evangelho, isto é, à presença do Espírito na nossa vida, nas nossas comunidades, nas nossas obras.

E' a nossa vida que deve falar. Substituamos, portanto, com coragem, os "velhos odres com os novos odres", como nos repete o Papa Francisco, sem nunca esquecer que, se nós consagrados não pararmos todos os dias diante de Deus na gratuidade da oração, o vinho se tornará vinagre.

Fidelidade dinâmica ao homem e à sua historia

"Os nossos Fundadores – continua o Papa na sua carta – sentiram em si a compaixão que Jesus sentia quando via as multidões como ovelhas sem pastor... e se colocaram a serviço da humanidade à qual o Espírito os mandava, em diversas modalidades: intercessão, pregação do Evangelho, catequese, instrução, serviço aos pobres e doentes... A fantasia da caridade não conheceu limites e soube abrir caminhos para levar o sopro do Evangelho nas culturas e nos mais diversos ambientes sociais."

Graças à sua escolha de encarnação na história, a vida consagrada é um enriquecimento também humano. Consagrar-se a Deus na vida religiosa não é tornar-se menos homem: mas é tornar-se mais. Eis porque as Filhas de São Paulo, chamadas a evangelizar com a comunicação, são chamadas, no mundo globalizado de hoje, a entrar em diálogo com todas as culturas, com todas as diferenças. Na escola de pe. Alberione devem tomar consciência de que a pluralidade de posi-

ções culturais e religiosas é expressão de liberdade. O diálogo, portanto, é necessário e é sempre um bem. Em uma sociedade que se globaliza os conflitos são inevitáveis e devem ser acolhidos, afirma o Papa na *Evangelii Gaudium*. Então o desafio, para as Filhas de São Paulo no século XXI, consiste em contribuir com a potente arma da comunicação para transformar em riqueza comum as inevitáveis conflitualidades. Não nos espantemos se lutamos uns contra os outros: é a história, é a pobreza da nossa situação humana. Transformemos em ocasião de crescimento também as contradições, favorecendo a difusão da cultura do encontro tao querida ao Papa Francisco, a única capaz de realizar "a pluriforme harmonia no mundo globalizado".

Irmãs, não quero amedrontá-las, mas considerai a tarefa que vos espera! A fidelidade dinâmica das Filhas de São Paulo ao homem e à sua história consistirá em fazer com que através da comunicação, o diálogo intercultural e inter-religioso dos nossos dias chegue a todos.

Não usamos os meios de comunicação para lançar no rosto da cultura moderna seus fracassos, que são sonoros, visíveis, grandes. Também não os usamos para derrotar a cultura moderna, mas para realizar um encontro leal que permita valorizar plenamente as extraordinárias potencialidades da cultura moderna. Não cometamos os erros cometidos em outras épocas históricas. O Evangelho é um livro escrito para todos, fala à consciência de todos, crentes e não crentes; e é interessante observar como os não crentes nos procuram!

O Evangelho é um livro escrito para todos, fala à consciência de todos, crentes e não crentes;

Fidelidade ao próprio carisma

A *Evangelii gaudium* manifesta com clareza a vontade do Papa Francisco de que a Igreja se renove e se coloque em estado de serviço permanente, *"como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir"*. O mundo tem necessidade de uma Igreja samaritana, de uma Igreja hospital de campo.

Em uma homilia na Casa Santa Marta o Papa repetiu: *"A imagem que me vem à mente é das enfermeiras, da enfermeira de hospital: cura as feridas com as próprias mãos. Deus se envolve, se mistura às nossas misérias, aproxima-se das nossas chagas e as cura com suas mãos, e para ter mãos Ele se fez homem"*.

O que quer dizer para as Filhas de São Paulo viver em estado permanente de serviço? Atuar com os meios mais sofisticados de comunicação e, ao mesmo tempo, confrontar-se com as novas formas de gestão empresarial são opções necessárias que podem criar dificuldades. O Bem-aventurado Tiago Alberione sabia disso. Ouçamos suas palavras: *"Para ser profissionais no exercício de nosso apostolado assumimos também as exigências e as estruturas empresariais como recurso necessário, mas sem absolutizá-las, uma vez que a congregação não deve nunca abaixar-se ao nível de uma indústria e de um comércio, mas manter-se sempre à altura humano-divina do apostolado, realizado com os métodos mais rápidos e eficazes no espírito pastoral"*.

Queridas Irmãs, não é suficiente que sejais santas; com a santidade requer-se a profissionalização; requer-se a síntese entre santidade autêntica (encontro com o Deus vivo através da oração, da Eucaristia, da Palavra…) e profissionalização.

Ou fazeis nascer dos vossos noviciados, dos vossos itinerários formativos Irmãs que sejam ao mesmo tempo santas e, segundo as qualidades de cada uma, profissionalmente preparadas, ou não estareis preparadas para enfrentar os desafios dos novos tempos! Nas últimas décadas estabeleceu-se no mundo um universo comunicativo novo, radicalmente diferente daquele de pe. Alberione. Hoje a aplicação das novas tecnologias abriu possibilidades comunicativas totalmente impensáveis há 100 anos. A respeito da nova cultura da Comunicação, João Paulo II escreveu que *"não é suficiente usar os meios de comunicação para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta «nova cultura», criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo, pois esta cultura nasce antes dos conteúdos pelo fato mesmo de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas"* (*Redemptoris Missio*, 37).

A Palavra de Deus é o Senhor encartado

Permanece verdadeiro o que dizia aos Paulinos o Cardeal Montini, quando era Arcebispo de Milão: *"Vocês tomam a Palavra, a revestem de tinta, de caracteres, de papel e a enviam ao mundo assim revestida. A Palavra de Deus assim revestida é o Senhor encartado. Dais às pessoas Deus encartado como Maria o deu encarnado. Encartado e encarnado se correspondem"*.

Ou formais nos vossos itinerários formativos Irmãs que sejam ao mesmo tempo santas e profissionalmente preparadas, ou não estareis preparadas para enfrentar os desafios dos novos tempos!

Mas no mundo globalizado de hoje o problema não é mais fazer chegar a Palavra de Deus encartada em faixas geográficas sempre mais vastas, à populações sempre maiores; hoje dispomos de instrumentos de comunicação tais que ocorre focalizar a meta empenhativa já indicada por Paulo VI, na encíclica *Evangelii nuntiandi, 19: "chegar a atingir e como que a modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade"*. O mundo globalizado de hoje necessita do vosso carisma atualizado com coragem, confiando naquele que vos chamou.

O Centenário das Filhas de São Paulo mais do que uma meta alcançada é o início de uma nova etapa. É isto que queria deixar como lembrança afetuosa, porque já nos conhecemos há muitos anos, nos queremos bem. Por isso, enquanto agradecemos e louvamos o Senhor pelas graças recebidas, pelas maravilhas realizadas, pedimos a Rainha dos Apóstolos que seja ela a guiar a Família Paulina, da qual é a Mãe, rumo às grandes coisas que o Papa Francisco, a Igreja e o mundo de hoje esperam de vós.

Pe. Bartolomeo Sorge, sj
Esperto in dottrina sociale della Chiesa

"Mestra Tecla":

Testemunha e modelo de santidade paulina

Dado a idade (96 anos), e longos anos vividos na congregação (desde 1931), e o conhecimento dos fundadores... frequentemente sou convidada a dar meu testemunho, sobretudo aos grupos em formação, nos encontros com Paulinas de todo o mundo e nas reuniões de Família Paulina. A uma destas reuniões uma vez fui acompanhada por uma gentilíssima senhora que não conhecia, uma colaboradora nossa. Entre um discurso e outro, entre um silêncio e outro, a um certo ponto – não sei com qual tom de voz, se carregado de ansiedade e preocupação – eu disse: *"Minha mãe, mas o que vou dizer?"*. A senhora se volta assustada para mim: *"Diga que você a viu!"*.

Sim, é justamente esta a diferença: *eu a vi, e por isso falo*. Não a vi porque veio uma vez encontrar-nos na comunidade ou nos disse alguma coisa... Eu a vi por tantos anos. Vi a Primeira Mestra em Alba, de 1931 a 1936, e em Roma, de 1938 a 1962. Tudo corre sobre o fio mágico da recordação... Eu não posso mais ler nem escrever, porém, os revejo, o fundador e a cofundadora, com olhos claríssimos e na proporção daquilo que sei deles, daquilo que vi deles... Tem um ícone de Mestra Tecla, um ícone que não foge a ninguém – nem a mim que a vi pessoalmente, nem a quem não a viu, mas leu e escutou sobre ela, se interessou sobre ela e da sua obra -, e é o ícone que brilha na penumbra da sacristia da igreja de São Cosme e Damião, em Alba. É 27 de junho de 1915: sentada em um banco da igreja está a mãe da jovem Teresa Merlo. Espera a filha que está na sacristia conversando com o teólogo Tiago Alberione. Está ansiosa, perplexa: tem uma filha bela, jovem, inteligente, querida... Mas o que será dela depois daquele encontro? Quando a senhora Vincenza vê Teresa retornar, lhe pergunta: *"O que ele te disse?"*. *"Convidou-me a colaborar com ele em uma obra..."*. *"Mas qual obra?"*. *"O teólogo disse que a mulher pode fazer muito bem com o apostolado da imprensa"*. *"Mas o que sentes com isto? O que tu disseste?"*. *"Eu lhe disse sim!"*.

Não foi fácil aquele sim, como não foi sempre fácil compreender e seguir pe. Alberione nas grandes ideias que tinha.

Teresa lhe disse "sim"

Um sim denso de mistério. É o sim do Filho que diz ao Pai: "Sim, porque assim tu queres"; é o sim de Maria ao Anjo. Tudo dependeu daquele sim! Eu falarei, sobretudo, de Mestra Tecla, mas não posso separá-la de pe. Alberione, porque tudo começou ali. Teresa lhe disse sim sem saber nada. Disse-lhe sim para os dias felizes e de grande glória, mas também por aqueles de muitos sofrimentos. Disse-lhe sim porque compreendeu que devia dizer sim ao Senhor, e o Senhor o pedia através de Alberione. Não foi fácil aquele sim, como não foi sempre fácil

compreender e seguir pe. Alberione nas grandes ideias que tinha.

Uma vez – por volta de 1952-1953 – fiz os exercícios espirituais junto com a Primeira Mestra, apenas saída do hospital de Albano. Ao fim dos exercícios veio pe. Alberione para as confissões, e eu depois mostrei a Mestra Tecla o meu caderninho com o projeto espiritual que tinha feito para aquele ano. A Primeira Mestra virou uma página do seu caderninho e me fez ler as palavras que o fundador lhe tinha escrito: *"Santuário Rainha dos Apóstolos, Santuário Rainha dos Apóstolos, Santuário Rainha dos Apóstolos"*. Por três vezes... Eram deste gênero os sofrimentos que o fundador impunha à cofundadora: uma mudança de programa, uma ideia nova, um lugar para ir antes de outro... A Primeira Mestra sempre obedeceu com criatividade e inteligência humilde: ele era o fundador, ela a cofundadora.

O espírito paulino

O espírito paulino, que pe. Alberione indicou a toda a Família Paulina, e por isso às Filhas de São Paulo, coloca o discípulo na escola de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, com a radicalidade de São Paulo sob o olhar de Maria, mãe, mestra e Rainha dos Apóstolos.

É uma visão nova, original, fascinante para quem a compreende, para quem a segue, fundada sobre bases seguras: a Palavra e a Eucaristia. Na Palavra, o discípulo, a discípula, encontram o Mestre, Caminho, Verdade e Vida: a verdade que ilumina a mente e dá um sentido à história, à Igreja, aos projetos pessoais; o caminho que conduz ao Pai; a vida que abre à missionariedade, à esperança, ao Evangelho. Na Eucaristia, o discípulo, a discípula, têm a força, a graça de assumir o ensinamento do Mestre e entregar-se totalmente a ele.

Viver Cristo, conhecê-lo e torná-lo conhecido com o apostolado, é o dom mais belo que o fundador fez à cofundadora.

A espiritualidade é, por isso, total, envolve mente, vontade e coração, toda a pessoa. O Primeiro Mestre, jovem também ele, inscreveu a Primeira Mestra Tecla na escola de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida. Deixou-a nesta escola por muitos anos, para longos exercícios de discipulado, de aprendizado, a fim de que se tornasse idônea a assumir esta espiritualidade, entregá-la à congregação, confiá-la a cada uma de nós.

De fato, viver e anunciar Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, é justamente a missão das Filhas de São Paulo. Viver Cristo, conhecê-lo e torná-lo conhecido com o apostolado, é o dom mais belo que o fundador fez à cofundadora. Certo que pe. Alberione teve muitos momentos para encorajar Mestra Tecla, para guiá-la (ele mesmo diz: *"Fui seu diretor espiritual por 46 anos"*). Agora nós dizemos que é uma santa, mas o era também naquele tempo, tão grande e evidente era a sua íntima comunicação com Deus, o seu viver profundo, intensa e transformante a sua oração. No meu tempo, se escutava dizer nos nossos ambientes: "Mas quanto reza a Primeira Mestra..." "Mas como reza a Primeira Mestra!". Uma oração longa, uma oração fecunda, uma oração suave que iluminava seu rosto.

Tecla: guia seguro

Mestra Tecla foi para as Filhas de São Paulo um guia seguro. A Primeira Mestra deu cinco ou seis vezes a volta ao mundo, andou em todas as comunidades, visitou todos os departamentos: uma verdadeira orientadora para o apostolado. Não gostava de andar pelas cidades aonde chegava a não ser para visitar as autoridades eclesiásticas e civis dos lugares. Os seus interesses se concentravam na comunidade, que tinha ido visitar. Porém, quando eu a acompanhei à Índia e à Grã Bretanha, quis que me levassem a *"ver muitas coisas, porque me serviria para o apostolado"*. Eu fui também a diretora da revista feminina *Così* e me surpreendo ainda hoje de como a Primeira Mestra havia compreendido a necessidade desta revista e como a tinha encorajado e promovido...

Recordo ainda os primeiros tempos, tínhamos somente uma máquina tipográfica em Roma e imprimíamos o Evangelho. Quando a última folha saía, Mestra Tecla a segurava e a beijava. O Papa Francisco insiste agora para carregarmos o Evangelho no bolso; a Primeira Mestra fazia isso: não confeccionado, mas vários pedacinhos colocados juntos...

A Primeira Mestra foi uma mãe sábia para o instituto. Pe. Alberione disse: *"Vocês terão muitas primeiras mestras, mas mãe somente ela"*. Mestra Tecla tinha um caráter forte, de verdadeira piemontesa. No entanto, chegou a alcançar um grande equilíbrio graças à prática de muita ascese e uma assídua oração. Foi para nós uma mãe, mesmo quando era obrigada a reprovar alguém, lhe fazendo algumas observações.

A Primeira Mestra deu cinco ou seis vezes a volta ao mundo, andou em todas as comunidades, visitou todos os departamentos: uma verdadeira orientadora para o apostolado.

Ir. Giuseppina Balestra, uma irmã que completou 100 anos em abril passado, era a motorista de Mestra Tecla e a única a possuir uma maquina fotográfica. As suas fotografias mostram a Primeira Mestra com o avental da cozinha enquanto lava a louça (não é uma fotografia de pose: era mãe e, se não tinha ninguém a fazê-lo, ajudava na cozinha), dava o medicamento a uma irmã doente etc. Eu dou testemunho disto: a Primeira Mestra Tecla é a mãe de um Instituto que completa cem anos!

Senhor, nós te agradecemos por ter escolhido e constituído Mestra Tecla guia seguro e mãe sábia das Filhas de São Paulo.

Lorenzina Guidetti, fsp

Apresentação do Selo Celebrativo do Centenário

Antes de tudo quero agradecer a superiora geral pela amabilidade e cortesia com a qual teve a ideia de convidar, através de mim, o Ministério do Desenvolvimento Econômico, autoridade emitente dos selos postais do Estado que pretende recordar o centenário do Instituto Pia Sociedade Filhas de São Paulo, com a emissão de um selo comemorativo autorizado, com decreto, pelo Presidente da República, em 9 de Março de 2015.

O Selo é um é um dos principais instrumentos através do qual o Estado exalta os personagens e os aspectos peculiares da sua história, da sua cultura, da sua tradição, bem como torna público seu reconhecimento às organizações e realidades produtivas que, por mérito particular, representam o que de melhor a comunidade nacional exprime. No caso específico do Instituto Pia Sociedade Filhas de São Paulo, que neste ano celebra o Centenário, o Estado pretende homenagear a atividade de apostolado que as Paulinas exercem diariamente, há um século, no setor da imprensa através de sua editora, da direção de livrarias, das agências de livrarias, das gráficas e centros de multimídia presentes na Itália e no mundo inteiro.

Para os efeitos das normas vigentes, o selo representa uma manifestação da soberania nacional do Estado, enquanto emitido diretamente pelo Estado italiano, e, portanto, é a origem da vontade e da linha política do Executivo. Os selos, de fato, por serem comercializados pela Sociedade para Ações Postais Italianas – e neste caso agradeço também ao doutor André Alfieri, funcionário dirigente de Selos Italianos que está aqui conosco -, são emitidos pelo Ministério do Desenvolvimento Econômico que, na qualidade de administração de referência, define com plena autonomia os assuntos e os programas das emissões. Os selos representam um veículo mediático enquanto instrumento para selar as correspondências confiadas ao serviço postal gerido pelos correios italianos. Através da correspondência, as mensagens conseguem chegar a todas as camadas da população em todos os cantos da península e espero, para as Paulinas, até para além das fronteiras nacionais.

A ação do Ministério é, portanto, a identificação de argumentos e temas de alto perfil e de interesse geral, que contribuem para manter viva a atenção dos usuários. Entre eles não poderia não ser evocado o selo dedicado às Paulinas, esta grande "manifestação de capacidade" que tivemos a oportunidade de ouvir dos ilustres expositores, começando com Sua Excelência dom Celli, pelo professor Riccardi, pelo Padre Sorge e também pela excelente ir. Lorenzina Guidetti.

O valor de face do carimbo – do qual foi impresso oitocentos mil exemplares – é de 0,80 euros. A data de emissões será o dia 15, porque 15 de junho é o dia em que Paulinas completa cem anos e foi a data de nascimento desta belíssima organização.

O que posso dizer no fim desta breve, mas intensa intervenção? Quero recordar aquilo que já vos disse o Papa - obviamente com um admirável distância daquilo que eu digo. Queridas Irmãs Paulinas, olhai para o futuro! Esta é a vossa missão. Parabéns!

Prof. Angelo Di Stasi
Presidente da Comissão para o estudo e elaboração dos selos postais
Ministério do Desenvolvimento Econômico

Il sogno di una donna

Introdução

Senhores participantes, gentis colaboradores e amigos, caríssimos irmãos paulinos e irmãs: a todos calorosa boas-vindas à nossa festa… centenária.

Dia 15 de junho, data da fundação das Filhas de São Paulo, se abre, na verdade, um *laboratório de costura*. Nós festejamos um instituto de costureiras. Aquelas jovens que formavam o primeiro grupo, confeccionavam as fardas dos militares: estamos em junho de 1915, e a Itália havia entrado na guerra fazia poucos meses.

As jovens eram costureiras, mas Alberione as pensava pregadoras e apóstolas da boa imprensa: *costureiras e pregadoras*. Há uma analogia muito bonita entre as duas realidades para deixá-las sem explicação: «Tecla do Piemonte, começou com agulha e tesoura, foi costureira provinciana e depois intuiu que o vasto mundo andava costurado e, assim mesmo, remendado com o forte fio do Evangelho».

As Paulinas, com seu apostolado, confecionam roupas sob medida. Há produções para crianças, para as famílias, leitura de espiritualidade e cultura, música para jovens, programas radiofônicos e presença na internet. Tudo dosado pelo espírito pastoral que faz adaptar a mensagem ao interlocutor e às pessoas com as quais se quer entrar em diálogo. Portanto, a explicação: costureiras e pregadoras. Que acabam sendo a mesma coisa. Trabalhar com agulha e linha para remendar a humanidade destroçada e lá onde o requer o amor e a necessidade, ter a coragem de inventar roupas novas, adotar linguagens e difundir mensagens que construam um novo humanismo, uma nova humanidade à imagem do Senhor.

Tecla era isto, fez isso antes de todas as Paulinas. Nas palavras de Giorgio Torelli, escritor e jornalista, o seu perfil:

Tecla do Piemonte começou com agulha e linha, foi costureira provinciana, e depois intuiu que o vasto mundo andava costurado e, assim mesmo, remendado com o fio forte do Evangelho

Tecla, antecipadora, pioneira, precursora, pesquisadora, orientadora do destino das Paulinas, serviu ao Senhor com perene imaginação.

Tecla se chamava Maria Teresa. Encontrou pe. Alberione, foi por ele contagiada, estimulada, provocada, impelida à luta pela única causa possível.

Dessa forma se tornou ponto de referência para todas as outras Marias Teresas que pretendiam, com o coração e com a razão, tornar- se Tecla plenamente.

E adotar todos os meios: a escrita, as imagens, os sons, as vozes, as figuras para testemunhar a convicção flamejante e dulcíssima de que o Signatário do universo é nosso Pai.

Justamente isso o que aconteceu a Tecla, que fez intenso uso dos continentes. Justamente isso continua a acontecer.

E as Paulinas de todos os sorrisos, de todas as ânsias e as vontades, de todas as fadigas e empreendimentos são hoje o seu sinal.

Livia Sabatti, fsp

Com um sonho no coração

Boas-vindas de Felice Pietro Isnardi, prefeito de Castagnito

Em nome da comunidade castagnitense, dou as mais cordiais boas-vindas às delegações das irmãs paulinas provenientes de todas as partes do mundo por ocasião desta solenidade.

Castagnito é uma pequena cidade. Enquanto tal, vive e partilha a própria cotidianidade como uma grande família. Sentimo-nos, portanto, honrados de estar hoje em uma condição de destaque por esse acontecimento de caráter nacional e internacional.

Esta terra, ao mesmo tempo severa e pobre, batizada por um famoso poeta contemporâneo como "terra da maldição", é morada estável de gente simples, mas honesta, ancorada nos próprios valores, que soube revelar, nos tempos difíceis, pessoas especiais. Uma das quais foi justamente Teresa Merlo, cujo caminho, empreendido muito cedo, um século faz, abriu a estrada para uma fé que não diminuiria no tempo. A sua figura de Venerável permanece até hoje um ponto de referência para quem pretende dedicar a própria vida ao Senhor. Graças à sua ação ao lado do bem-aventurado Tiago Alberione, iniciou um caminho para além dos confins territoriais e espirituais.

Estamos cotidianamente seguindo seus passos, dedicamos a ela a nossa nova escola primária e no nosso cemitério repousam muitas de suas coirmãs.

Na nossa cultura, nas nossas raízes estão seu modelo de fé, habilmente veiculado no mundo; um mundo que se tornou complicado, onde se percebe a necessidade de conservar e, se possível, divulgar a mensagem de fé em uma sociedade que deve ainda crescer no conhecimento de Deus e abrir-se e reportar-se às múltiplas culturas e às muitas religiões professadas no mundo.

Irmã Tecla partiu de Castagnito com um sonho no coração, e as 2.300 consagradas paulinas do mundo confirmam, hoje, essa realização.

Felice Pietro Isnardi,
prefeito de Castagnito

Igreja S. João Batista

«Alegro-me no meu coração»

Homilia de pe. Gianluca
Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

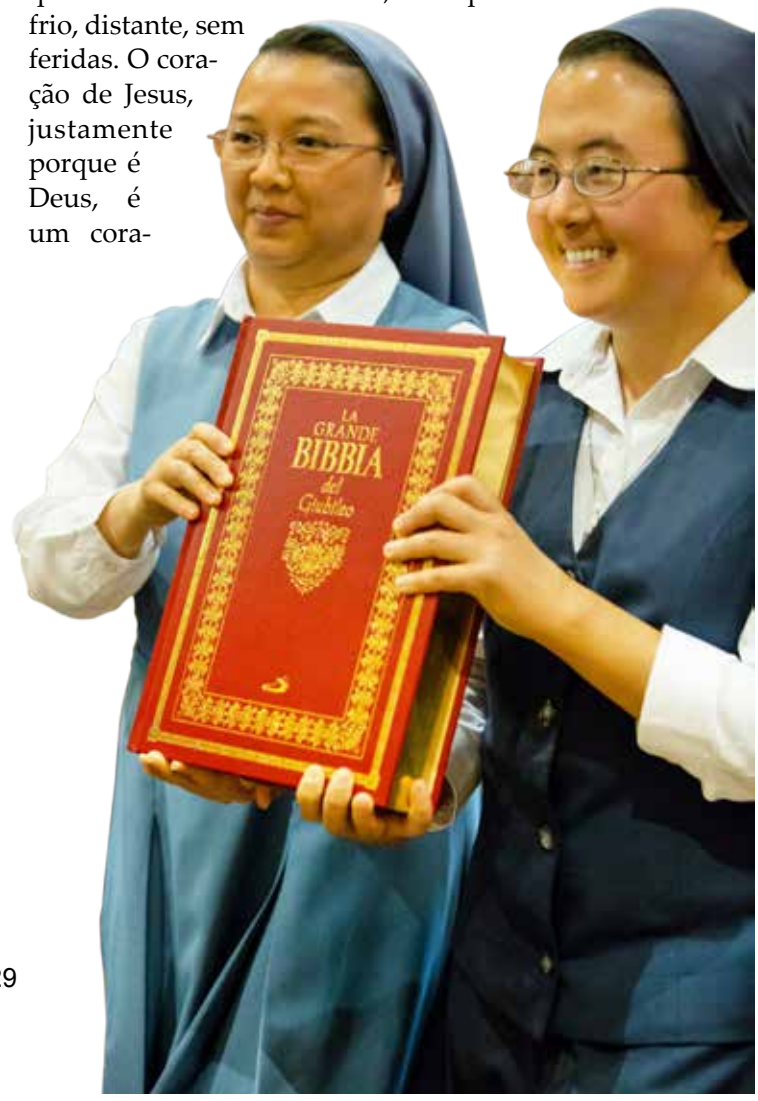
Pensemos um instante em nosso coração, mas o coração verdadeiro, aquele que pulsa, feito de carne. Quando dizemos que "nós somos o nosso coração", dizemos algo fundamental, porque o coração é o centro da nossa vida. Pensai também nas expressões que usamos: «Fui ferido no coração», que quer dizer: «Fui tocado no mais profundo de mim mesmo». Ou, ao contrário: «Alegro-me no meu coração». E quando a pessoa se apaixona, o coração começa a bater; quando temos medo, o coração acelera; quando vivemos algo de belo, o coração se alegra.

Para a Bíblia, o coração representa todo o homem, o centro do ser humano. É através do coração que devemos aprender a sentir a vida. É através do coração que aprendemos a atravessar o mundo. É através do coração que aprendemos a linguagem comum: aquela dos sentimentos, dos afetos, do relacionamento entre nós. O coração tem sua forma própria de raciocinar. O coração conhece a vida, porque é através dele que aprendemos a estar com os outros.

A mesma coisa, a exata, idêntica coisa vale para Deus. Deus tem um coração! Exatamente como o nosso. E se enraivece e se alegra e se apaixona, porque o coração de Deus caminha conosco, faz história conosco. Na primeira leitura proclamada (Os 11,1.3-4.8-9), o profeta Oséias nos recorda um Deus que aprende, caminhando com seu povo, a querer bem o seu povo, também quando o povo se afasta dele. Tanto que chega a dizer: *O meu desejo é o de ser como uma mãe que cuida de seu filho*. Notai a imagem, belíssima e muito forte: toma pela mão o próprio filho, o abraça, mas não o retém para si. Ensina seu filho a caminhar, a ser livre, a se tornar grande. O coração de Deus sofre todas as vezes em que vê seu povo parado, sem caminhar, preferindo os ídolos. Mas nem sequer pensa em punir o seu povo, justamente *porque é Deus* e raciocina de maneira diferente da nossa. A sua paciência é tão grande, tão única, que seu coração permanecerá para sempre o mesmo.

O meu desejo é o de ser como uma mãe que cuida de seu filho.

Mas, temos verdadeiramente esta imagem de Deus? Que nos toma pela mão, que caminha conosco, que sofre conosco, que sonha conosco, que deseja apenas isto: que seus filhos, que somos nós, possamos caminhar bem na vida, tornar-nos grandes, livres, adultos? No entanto, o Deus de Jesus, o Pai que está nos céus, é justamente assim. No último ato da vida de Jesus, como ouvimos no Evangelho (Jo 19,31-37), o seu coração foi aberto, transpassado. O coração transpassado é o coração que viveu verdadeiramente, não permaneceu frio, distante, sem feridas. O coração de Jesus, justamente porque é Deus, é um cora-



ção que atravessa a história com as suas feridas, com os seus problemas, com as suas belezas. E no final, está ali, ferido, a dizer-nos que o segredo da vida, não obstante tudo, será sempre este: cada vez que não reténs a vida para ti, mas a abres, escancaras para os outros, ali encontras Deus, ali encontras a tua humanidade, ali és um ser humano. O último ato do Crucificado é este: um coração aberto do qual brota sangue e água. Como a dizer: nem a morte conseguiu apagar aquele coração. Todas as vezes que vivemos assim, todas as vezes que acreditamos nisso (e a vida nos coloca sempre à prova neste ponto), nós tocamos Deus, tocamos o coração de Deus. As grandes coisas da vida, todos – das mulheres às religiosas e religiosos, aos padres, às mães de família – só as cumprimos quando, ou antes ou depois, tivermos coragem de vivê-las assim, e de acreditar naquele amor. Também quando for difícil, também quando, por mil motivos, podíamos dizer: "Ms o que me faz executar isso... não vejo resultados... émas sim um monte de problemas".

E no entanto, hoje estamos aqui a agradecer por isso, para repetir, celebrando a Eucaristia, ouvindo a Palavra, que viver com um coração assim, com um coração aberto, como o de Jesus, tem sentido.

Estamos aqui para recordar que viver assim, com um coração aberto como o de Jesus, tem sentido... Estamos aqui para recordar que Tecla partiu de Castagnito e realizou o que realizou porque acreditou naquele Amor, colocou toda a si mesma, começando a fazer uma coisa delicadíssima: costurar, bordar. Quem é capaz de costurar, de bordar um tecido é também capaz de costurar e bordar a vida. Para isso requer-se paciência, tempo para colocar juntas as coisas mais ou menos difíceis... A vida de Tecla foi assim: não miraculosa, mas muito do dia a dia. Mas a vida é assim: vai

sendo construída um pouco por vez. Olhai ao vosso redor: que tecido, quais histórias, quais mundos e quais culturas estão aqui? O coração de Jesus passa assim, na normalidade da vida e faz história nas vossas comunidades, nas cidades nas quais viveis.

Porque, se a vossa fé é verdadeira, é assim, é como este panorama que se vê daqui: é um coração que tem a coragem de caminhar e de atuar em profundidade, porque esse é o coração de Jesus, até o fim.

A leitura de Paulo (Ef 3,8-12.14-19) hoje, é estupenda! Posso deixar-vos esta imagem que é também típica de Castagnito? A um certo ponto Paulo disse: o coração de Jesus é algo que oferece tal amplitude que alarga o olhar. Vós ouvistes: «as alturas, as larguras, as profundidades…». Parece-me ver um quadro com um panorama maravilhoso dentro do qual temos coragem de entrar. E nele não existe limite, confins, porque tudo se alarga, se abre. Alguém vendo do alto e olhando pela janela disse: «Que bela paisagem há aqui!». É verdade! Oxalá, quem dera Tecla tenha visto com seus olhos este panorama. Ouso pensar que, dele tenha se lembrado por muito tempo. Porque, se a vossa fé é verdadeira, é assim, é como este panorama que se vê daqui: é um coração que se alarga, que tem a coragem de caminhar, que tem a coragem de atuar em profundidade, porque esse é o coração de Jesus, até o fim.

Neste momento, na Eucaristia, agradeçamos por isso. E não nos esqueçamos de que, depois de Tecla, depois de tantas pessoas que nos precederam na fé, nós somos parte dessa história. E cada vez que acreditamos num coração assim, cada um de nós, no dia a dia, pode fazer grandes coisas.

Gianluca Zurra,
pároco de Castagnito

Igreja Divino Mestre

De Alba para o mundo

Homilia de Mons. Giacomo Lanzetti, bispo de Alba

«Ide por todo o mundo» é ainda o projeto para uma história sagrada que estamos escrevendo e também comemorando nestes cem anos de fundação. Escrevemos os eventos, escrevemos um plano de Deus, com arrogância, algumas vezes, esquecendo as fadigas e os insucessos. Recordam-se apenas as coisas bonitas.

Deus agiu na vossa história reconduzindo-vos, depois de cem anos, aqui, local da partida, fazendo-vos acentuar aquele «Eis-me aqui, Senhor» ainda uma vez na adesão ao plano da Providência. «Eu vos escolhi», e este ser escolhido faz, sim, que haja uma história de salvação que vem de longe, isto é, que desde sempre Deus vos ama, conhece a vossa história.

Também Jesus, na leitura do Evangelho de hoje (Mc 4,26-34), não é diferente do modo de raciocinar de Ezequiel (Ez 17,22-24). Aquela minúscula semente tem em si a grande capacidade de se transformar numa árvore frondosa e hospitaleira. E também aqui, é a mensagem de uma grande história humana, que é a vossa minúscula história pessoal.

Caminhar na fé

Deus é ação no vosso coração e na vossa história. Convosco escreve uma página de evangelização e uma página do plano amoroso de Deus, que de alguma forma foi encontrar-vos em vossa casa. São Paulo, que é vosso modelo e fundador, junto com pe. Tiago Alberione, viu que todo esse crescer de plantas, de árvores, de sementes tem três prospectivas (cf. 2Cor 5,6-10), que serão, também, as prospectivas da vossa história nesta congregação. Estas prospectivas se baseiam sobre a fé e

reorientam a promessa que fareis. «Caminhamos na fé e não ainda na visão».

Ontem, na grande Basílica de Maria Auxiliadora, pensamos em vocês, porque o vosso tríduo coincidia com a festa do Sagrado Coração e com a esplêndida peregrinação que se realizou em Turim, para contemplar o Sudário. Naquele rosto adormecido de Jesus flagelado, crucificado e morto vimos também o vosso rosto. E pensamos em vocês, neste ano dedicado à vida consagrada. E pensamos porque tendes sempre mais desenvolvimento, mais ressurreição. Aquele Cristo morto é o vosso rosto de ressuscitadas, que motiva um impulso sempre novo, que se baseia na fé e não sobre a evidência de que a vossa estrada seja realmente aquela. Entendereis apenas no final da vida.

Seja a nossa vida um canto de alegria

E a vossa oração hoje é esta: «Senhor, aumentai a nossa fé. Fazei-nos entender que nos desejais, que tendes necessidade de nós, que a vossa história passou pelo nosso vilarejo, pela nossa cidade e hoje se concretiza aqui em Alba», para que a vossa vida seja um canto de alegria e de santidade. E esta fé está em pé, não obstante tudo o que acontece em nosso mundo e talvez também em vossas terras. São Paulo nos convida a ter grande confiança e, por isso, ao menos duas vezes disse: «Estamos cheios de confiança» (vv. 6 e 8). A confiança é uma dimensão profundamente conatural, porque a trazemos desde o nosso nascimento: confiança na mãe que nos acolhe e nos nutre, na família que nos ajuda a crescer e nos educa, nos mestres que nos instruem; uma confiança que torna possível aos pais a fadiga de assistir aos filhos e sua educação; uma confiança hoje sem espaço dentro de uma multiforme crise que corrói todo o mundo. Confiança religiosa, que nos deixa falar com Jesus à noite, como Nicodemos: «Deus amou tanto o mundo que deu-lhe seu Filho unigênito». E esta confiança se manifesta ainda mais em buscar juntos a justiça e a misericórdia.

A fé nos convida a olhar a vossa história, a vossa vocação, a vossa congregação como uma obra de Deus

Este Centenário se torna significativo para todos nós, não para fazer balanço ou avaliação ou o gloriar-se daquilo que já foi realizado, mas para colocar-nos com humildade e na disponibilidade de ser proteção para quem procura em nós serenidade e paz.

Parece-me importante ilustrar as leituras de hoje também pensando nesta festa. Pude acenar alguma coisa ou fazer-vos intuir através do tema da árvore ou da semente ou da confiança. O Papa Francisco, que acolheremos domingo próximo em Turim, se torna presente nesta nossa história para dizer-nos que pe. Alberione e Madre Tecla tinham visto de forma correta, e olharam longe para que se continuasse esta obra. E por trás desta obra há o sentido de mistério: justamente Ele quis realizar o vosso chamado. A vossa vocação, a história da vossa congregação é um minúsculo ramo, do qual fala Ezequiel. Madre Tecla e pe. Alberione foram o instrumento nas mãos de Deus para fazer germinar aquela plantinha, para plantá-la no sólido terreno da fé de tantas pessoas, para reproduzi-la em tantos lugares e em tantos corações. Foram esplêndidos os sorrisos com os quais me acolhestes. São plenos de futuro, porque certamente amadurecestes as escolhas que vos tornaram serenas e alegres. A fé nos convida a olhar a vossa história, a vossa vocação, a vossa congregação como uma obra de Deus, à qual ele confiou um carisma particular e um ministério especial na Igreja e no mundo. Por isso sentimos forte o dever de reconhecimento a Deus pela Família Paulina.

Concluo com três observações de são Paulo, vosso mestre e protetor.

A fé é a nossa força

O nosso coração é habitado pela incontrolável confiança em Deus que nos escolheu e nos acompanha em todos os momentos, até àquele abraço final com Ele, que é a nossa meta, aquela que a

vossa Madre Tecla e pe. Alberione já atingiram. Lá onde eles estão velam pelos seus filhos e pelas suas filhas, para que tenham verdadeiramente um futuro e uma história de entusiasmo. Este é um outro motivo que consolida a nossa fé, revigora a nossa esperança, nos faz ter o desejo de encontrá-los quando chegar a nossa hora.

Ao longo deste caminho, não canseis de tender ao cume da vossa espiritualidade, onde o centro é Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida; de ter como objetivo a mesma meta de são Paulo: «Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim». Isto vos permitirá, como a Paulo, comunicar com paixão o Evangelho, imersas, forjadas por uma espiritualidade que permeia toda a vossa pessoa, a torna dócil instrumento de evangelização nas mãos de Deus. Os meios para chegar a isso são sempre aqueles indicados por pe. Alberione e por Mestra Tecla: a Palavra de Deus e a Eucaristia. Continuai, portanto, a colocar no centro de vossos dias a oração cotidiana e a comunhão fraterna, que são os recursos dos quais tirareis força para o vosso serviço e para o vosso multiforme apostolado, para discernirdes os sinais dos tempos e responderdes às necessidades da Igreja e do mundo inteiro.

E não canseis de colocar-vos a serviço da educação, de acompanhar os pais no seu dever principal, de inventar para os jovens novos instrumentos de amadurecimento e descoberta da fé.

Não deixemos de agradecer a Deus pelo dom que fez à Igreja e ao mundo dando-nos o Papa Francisco. E sejamos solícitos em acolher o seu ministério, sobretudo os seus insistentes convites à esperança, especialmente em um tempo em que ela parece estar colocada à prova por difíceis e especiais provas.

Entre as tantas afirmações da *Evangelii gaudium* é muito significativa a reflexão com a qual concluo: «Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e jamais nos faltará sua ajuda para cumprir a missão que Ele nos confia» (n. 275). A sua ressurreição não é uma coisa do passado, justamente ali, onde parece que tudo acabou, tornam a florescer os germes da ressurreição. É uma força inigualável. É verdade que, às vezes, parece que Deus não existe. Vemos injustiças, maldades, indiferenças, crueldades, incapacidade de compreensão também entre nós… Todavia, também é certo que no meio da obscuridade começa sempre a brotar algo de novo, como esta celebração de cem anos, que cedo ou tarde produzirá seus frutos: em um campo semeado, torna a aparecer a vida, obstinada e invencível. Haverá coisas não boas, todavia, o bem tende sempre a brotar e difundir-se.

Cada uma reencontre, na própria história, a vontade do Senhor que vos chamou a viver a vossa santificação mediante o vosso serviço.

A cada dia no mundo renasce a beleza, como a vossa vocação, que ressuscita transformada através dos tecidos da história. Os valores tendem sempre a reaparecer sob novas formas, e de fato, o ser humano renasce muitas vezes de situações que pareciam irreversíveis. Esta é a história que hoje celebramos da vossa ressurreição, e de toda evangelização e de todo instrumento dos quais o Senhor se serve para falar da alegria de estar conosco.

Sejais alegres, porque é belo seguir a Jesus

A vossa vocação é carisma fundamental. Sejais alegres, porque é belo seguir a Jesus, é belo se tornar ícone vivente de Nossa Senhora, de nossa santa mãe Igreja. Sejais companheiras dos sacerdotes, acompanhai-os nas comunidades, sejais anúncio com a vossa vida; que belo gastar-se pelo Senhor! A coragem de falar do Evangelho nos próximos anos será a nossa força num mundo sempre mais descristianizado. Devemos falar dele, repetir as suas palavras, ser outros Jesus que têm a coragem de imolar-se para que renasça a vida e refloresça, e as árvores se tornem exuberantes. Cada uma reencontre, na própria história, a vontade do Senhor que vos chamou a viver a vossa santificação mediante o vosso serviço.

Giacomo Lanzetti,
bispo de Alba

Santuário Rainha dos Apóstolos

Acolhida de Pe.Valdir José de Castro

ao cardeal João Braz de Aviz

Eminência Reverendíssima
Card. João Braz de Aviz,

É com alegria que o acolho em nome da Família Paulina, junto com meus irmãos Paulinos da Província da Itália, que justamente nestes dias, em Ariccia, estão celebrando seu 19º Capítulo provincial com o seu superior, pe. Eustacchio Imperato.

A sua presença hoje é, para nós, e de modo particular para as nossas irmãs Filhas de São Paulo, um grande dom: o sinal de que a Igreja universal olha com confiança e estima a missão de evangelização feita justamente com o carisma paulino, que agora completa um século de vida: o anúncio de salvação em Jesus Cristo a todas as pessoas e com todas as linguagens da comunicação.

Exatamente há cem anos, em 15 de junho de 1915, iniciava a história carismática e missionária das Filhas de São Paulo. Milhares de irmãs, neste século de existência, realizaram de forma generosa – e o fazem até hoje – o mandato de pe. Alberione e da Igreja, procurando conduzir a sua missão, para retomar as palavras da superiora geral, ir. Anna Maria Parenzan, «nos sulcos seguros da humildade e da fé sobre os quais caminharam Mestra Tecla e as primeiras irmãs paulinas».

Tradição e inovação, passado e futuro: sempre acompanhadas pelo Espírito Santo que, ininterruptamente indica – fiel àquela primeira inspiração de um século atrás – estradas novas e corajosas para chegar à humanidade de todo o tempo e de todo lugar.

Caras irmãs, rezamos por vocês e com vocês. Que Jesus Mestre, por intercessão de são Paulo apóstolo, sob o olhar materno de Maria, ilumine sempre o vosso caminho.

Pe. Valdir José de Castro
Superior geral SSP

Santuário Rainha dos Apóstolos

Uma estrada de liberdade, de alegria

Uma saudação particular ao pe. Valdir, com muita alegria por estar com todos vós. Uma saudação a toda a Família Paulina e hoje, de modo muito particular, a todas as Filhas de São Paulo, à superiora geral e ao seu conselho.

Estou verdadeiramente muito feliz por me terdes convidado para participar desta ação de graças a Deus, para louvar o Senhor pela história destes 100 anos de carisma, de vida; de um carisma que é moderno, que já tem 100 anos, mas que nasceu nestes últimos tempos e já deu tantos frutos e se tornou assim tão grande.

Uma coisa que admiro muito na Família Paulina é que pe. Tiago Alberione tenha sido um fundador tão fecundo.

Esta festa vivida juntos nos dá a possibilidade de olhar a nossa história como a uma história que dá glória a Deus. Santo Agostinho diz: *Quando vocês rezam, dão glória a Deus; e quando não estão rezando, mas empenhados nas coisas que devem fazer, podem continuar a dar glória a Deus*. E a vida pode ser uma vida de glória a Deus.

Aprendemos a seguir o Senhor

Os textos da liturgia que escolhestes exprimem muito bem esse sentido de gratidão. Podemos ver esse caminho como a ida para casa, Deus que nos envolve em sua vida e nos faz ir a Ele, em Jesus. Neste momento, a primeira coisa, olhando o vosso carisma neste jubileu que continuará por muito tempo, é perguntar-nos qual é o dom que recebemos para dar glória a Deus.

Esta festa vivida juntos nos dá a possibilidade de olhar a nossa história como a uma história que dá glória a Deus.

O Concílio lembrou a nós, consagrados, que antes de tudo devemos caminhar para tornar-nos sempre mais discípulos de Jesus. Ser discípulo quer dizer viver a Palavra (a Palavra é Jesus), viver os sacramentos (os sacramentos são Jesus), viver a Igreja (a Igreja é Jesus). Fazer esse caminho quer dizer aprender o caminho desse único Mestre.

A nossa civilização hoje, em muitos lugares, não quer mais a presença de Deus; precipitou-se na busca de uma verdade que fecha no individualismo: cada um se torna verdade para si mesmo e não há mais uma verdade comum. Como ser discípulos hoje?

Jesus chamou toda a Família Paulina – e todos nós na Igreja – a percorrer um caminho segundo o Evangelho. O Papa esclareceu uma coisa muito importante para a espiritualidade: aquilo que é próprio dos consagrados – como os Paulinos e as Paulinas – não é a radicalidade evangélica. Esta é necessária, mas é, também, a base para todos: casados, consagrados, pequenos, grandes, de uma cultura ou de outra... Seguir Jesus é para todos, e todos devemos viver os mesmos valores. O Papa nos ajudou a entender que não existem discípulos de Jesus de primeira classe e discípulos de segunda classe.

Devemos, portanto, olhar toda pessoa que procura seguir Jesus como nossa companheira de

viagem; numa vocação diferente, mas na única estrada que existe. Isto significa que devemos caminhar juntos.

Como passar de um caminho individualista àquela espiritualidade de comunhão da qual falava João Paulo II? Aprendemos a seguir o Senhor deste centro que somos nós, porém, agora somos chamados a sair desse centro e deixar que Deus entre nesse centro e nos conduza aos irmãos e às irmãs. Os consagrados são pessoas que entendem e respondem sim a Deus, ao seu convite: Se quer seguir-me mais de perto, tenha a coragem de viver a pobreza verdadeira, a verdadeira comunhão; tenha a coragem de entender o valor da virgindade; tenha a coragem de entender a relação autoridade e obediência sob uma nova luz. E essa estrada não é uma estrada de coação, de perda da liberdade, mas é uma estrada de liberdade, de alegria...

Alegria: característica do consagrado

Quando a alegria aparece nos lábios deve existir no coração, porque, caso contrário, estamos um pouco fora da estrada. E esta alegria deve ser profecia daquilo que ocorreu entre nós e o Senhor. Renovar as nossas relações. A hora da fraternidade… A vida fraterna dentro das nossas comunidades deve renovar-se: não é só "máxima penitência" mas é possibilidade de experimentar Deus, porque se eu amo o outro, sou como Deus, me torno amor como Deus, levo Deus para a comunidade.

E essa estrada não é uma estrada de coação, de perda da liberdade, mas é uma estrada de liberdade, de alegria...

A segunda coisa é não considerar mais a formação algo a ser feito em um tempo determinado: eu me formo e, depois que sou formado, estaciono. Um discípulo de Jesus começa a ser formado no seio de sua mãe e acaba de ser formado no dia em dá seu último suspiro. Ali poderá dizer: agora estou formado!

Os fundadores: pontos de referência indispensáveis

Este caminho dinâmico com o Senhor – de alguém que se forma sempre mais, que se aperfeiçoa sempre mais, que segue Jesus mais de perto – é para vós e para nós, está nos nossos carismas, é a estrada dos nossos fundadores. Os fundadores são luzes, são pontos de referência indispensáveis.

Deus vos deu um carisma muito atual através de todas as formas de comunicação, em todas as partes do mundo. Sois missionárias da comunicação, e por isso deveis trabalhar no campo das relações fraternas, para comunicar, fazer passar a Boa Notícia que é Jesus. Talvez para nós o perigo é de não sentir-nos em comunidade, é de não sentir-nos entre irmãos e irmãs. Precisamos ajudar-nos nessa estrada que não vê o humano ao lado do divino, mas o humano e o divino atuam juntos. Devemos renovar as nossas relações de autoridade e de obediência. Podemos ser autoridade e ser obedientes ao mesmo tempo, se somos irmãos, se somos irmãs; de outra forma, há escravidão, desconfiança. Se, ao invés, somos verdadeiramente irmãos e irmãs, entramos no coração da dor de um e de outro, procuramos entender aquilo que acontece num momento especial da vida do outro, ajudamo-nos a seguir em frente, a perseverar…

Foi renovada, também, a relação homem-mulher na vida consagrada. Distinguimos demais o mundo feminino do mundo masculino, como se um fosse – digamos – tentação para o outro, e isso não pode ser verdadeiro, porque Deus nos criou homem e mulher; a humanidade é constituída por homem e mulher juntos: não só o homem, não só a mulher. Renovar a maneira de olhar-nos nos olhos pode renovar também a prospectiva do amor humano, que se torna belo, muito belo.

Que Deus abençoe as Filhas de São Paulo, abençoe toda a Família Paulina, abençoe a todos nós que procuramos, na Igreja, seguir Jesus e seguir os nossos fundadores.

S.E. card. João Braz de Aviz
Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada

Banda da Polícia de ESstado

Introdução

Cem anos das Filhas de São Paulo.

Cem anos de boas obras, de amizade com o mundo, em um diálogo contínuo com as pessoas de todos os tempos.

Cem anos de amor pelo Evangelho ouvido, meditado, vivido, impresso de todas as formas e largamente difundido, por todos os lugares.

Cem anos de vida em resposta a um sonho: o de Deus sobre a Família Paulina e sobre cada uma de nós, mas também cem anos dos nossos sonhos dentro de uma grande missão, pouco a pouco conhecida e sempre mais profundamente amada.

Cem anos que não tiraram nada de nossa alegria de viver, apenas foram acrescentadas algumas rugas que testemunham o caminho e a fidelidade e torna ainda mais credível e materna a nossa presença no mundo

Cem anos que olham para frente, para confirmar que o melhor dia é sempre o amanhã. No qual se vislumbra a possibilidade de um bem novo e ainda maior.

Cem anos para dizer obrigada por estar vivas, amadas por Deus, agradecidas a Ele pelo dom da fraternidade e a graça do apostolado.

E Cem anos e outros ainda a serem vividos alegres na esperança, fortes na fé, pacientes nas adversidades, solícitas na caridade a exemplo de pe. Alberione e Mestra Tecla.

Livia Sabatti, fsp

Paulinas como Paulo

Apresentação do hino "Nos passos de São Paulo"

Paulinas como Paulo. Fascinadas por uma luz. Conquistadas por uma voz. Seduzidas por um rosto. Por um amor. Que se faz vida, paixão, energia, doação, anúncio. Que se faz "bela Notícia": Jesus Cristo.

Canto do coração. Que sai do profundo, de todas as fibras do ser. Que se projeta ao alto, sobre todas as notas da fé. Que nos impulsiona para a frente, bem ao longe, para proclamá-Lo. Sobre todas as estradas dos povos, dos continentes, da humanidade. Além dos meridianos e dos paralelos já traçados. Além dos confins de um mundo sempre novo, de um planeta sem confins de gerações. Na sinfonia de vozes, de linguagens, de formas: para dizer e dar o Evangelho da vida e da salvação, da misericórdia e da ternura, da paz e da felicidade possível. Segundo o desígnio de Deus, revelado no seu Filho feito homem. Para "dar Jesus", como Maria, como Paulo, como Alberione, como Tecla.

O canto do coração inebriado pelo amor maior, pelo Espírito transformante do Ressuscitado, o Mestre vivente sempre conosco. Fogo que deseja arder. Luz que quer iluminar. A fim de que a humanidade se desperte filha de Deus, que é Pai de todos, que ama a todos, no seu Filho Jesus Cristo.

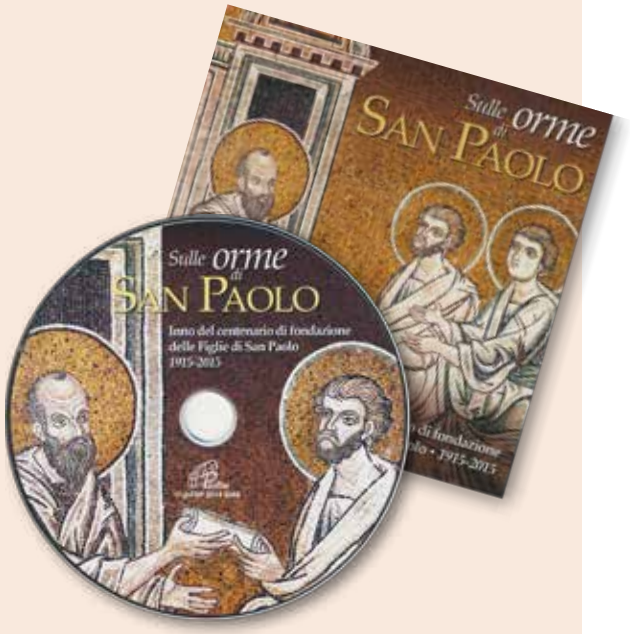
E' o canto do amor missionário que há um século as Paulinas, "Filhas de São Paulo", entoaram, e o fazem ressoar no mundo de hoje, "nos passos de São Paulo" seu pai.

Anna Maria Galliano, fsp

Caminhar e cantar

"Foi exatamente o verbo "caminhar", com o qual se abre este canto, a indicar-me a forma de escrever uma marcha que se desenvolve com uma série de semimínimas. Elas transcorrem não apenas como o movimento dos passos das Filhas de São Paulo nestes cem anos de história, mas também como o caminho que toda a Igreja é chamada a empreender no transcorrer do tempo.

O canto no caminho consola, acompanha, motiva e dá confiança. Caminhar e cantar são dois verbos que se aproximam, duas realidades complementares da fé.

Espero que este canto, na sua simplicidade, possa contribuir na solenização do Centenário e, ao mesmo tempo, possa dar um novo impulso interior ao coração daqueles que o cantarão, para caminhar rumo a Jesus Cristo e anunciar seu Evangelho a toda criatura».

Fabio Massimillo, compositor